



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO PLENA EM HISTÓRIA**

**Um Rock do Fim do Mundo**

**RENÊE DA CRUZ SOUSA**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2017**

**RENÊE DA CRUZ SOUSA**

**UM ROCK DO FIM DO MUNDO**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso (TCC) referente à Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande - UFCG/PB, como requisito para a obtenção de nota.

**Orientador: Prof. Dr. Hélio Ázara de Oliveira**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

S725r Sousa, Renêe da Cruz.  
Um rock do fim do mundo / Renêe da Cruz Sousa. - Cajazeiras, 2017.  
86p.: il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Ázara de Oliveira.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Rock paraibano. 2. Rock brasileiro 3. Cultura popular. 4. Cajazeiras-PB. 5. Rock no alto sertão. I. Oliveira, Hélio Ázara de Oliveira. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

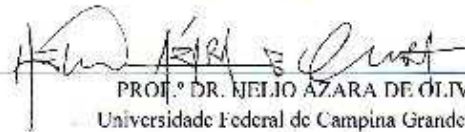
CDU - 78(813.3)

RENÉE DA CRUZ SOUSA

UM ROCK DO FIM DO MUNDO


Aprovado em: 11/05/2017

BANCA EXAMINADORA:



---

PROF.º DR. NELIO AZARA DE OLIVEIRA  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG  
Orientador



---

PROF. DR.ª ANA RITA UHLE  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG  
Examinador



---

PROF. MS. ELINALDO MENEZES BRAGA  
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG  
Examinador

CAJAZEIRAS - PB

2017

Dedico este trabalho a todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês.

Augusto Branco

## **AGRADECIMENTOS**

Aos Deuses e ao Universo por me terem dado saúde e força para superar as dificuldades.

À Universidade, seu corpo docente, direção e administração que me oportunizaram abrir a janela que hoje vislumbro: um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e na ética aqui presentes.

Ao meu orientador Hélio, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Ao meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicionais.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Este trabalho aborda a crítica social do Rock Brasileiro dos anos 1980, enfatizando o Rock do Alto Sertão, mais especificamente de Cajazeira/PB, passando pela censura do regime militar e pela redemocratização; primeiro, revisando a crítica musical dos anos 1960 e 1970, para depois analisar a crítica social do rock brasileiro na década de 80. Observa-se que os artistas dos anos 1960 e 1970 acreditavam mais no aspecto revolucionário das letras de suas composições do que mesmo no ritmo; já na segunda metade dos anos 80, com o fim do regime militar, os artistas do rock brasileiro não inseriam tanto nas suas letras aspectos políticos com o mesmo empenho dos artistas das décadas anteriores (1960, 1970), mas no decorrer dessa pesquisa vemos que no rock “oitentista”, teve bandas de destaque por suas letras politizadas. O objetivo dessa pesquisa é apontar a crítica social que as bandas “Conspiração Apocalipse” e a banda “Arlequim Rock Band” fazem através das letras e que, por desse mecanismo, procuravam expor a todos o que estava acontecendo naquela geração.

**Palavras-chave:** Rock brasileiro, Cultura Popular, Cajazeiras, Rock no Alto Sertão.

## **ABSTRACT**

This work approaches the social criticism of Brazilian rock from the 1980s, emphasizing rock from the Alto Sertão, specifically from Cajazeiras, going through the censorship of the military dictatorship and re-democratization, first reviewing the music criticism of the 1960s and 1970s, and then analyzing the social criticism of Brazilian Rock in the 80s; we see that the artists of the 1960s and 1970s believed in the revolutionary aspect of the lyrics, while in the second half of the 80s, with the end of the military government, Brazilian rock artists did not include political aspects in their lyrics with the same commitment of the artists of the previous decades (1960, 1970), but during this research we see that 80s' rock had hit bands for their politicized lyrics. The objective of this research is to point out the social criticism that the bands Conspiração Apocalipse and Arlequim Rock Band did through the lyrics and thus tried to expose what was happening in this generation.

Keywords: Brazilian rock, popular culture, Cajazeiras, Alto Sertão's rock.



## **LISTA DE IMAGENS**

**Imagem 01-** programação da semana universitária de 1964.

**Imagem 02** – gravação do CD músicas autorais.

**Imagem 03** – panfleto.

**Imagem 04** – foto tênis clube no festival regional da canção.

**Imagem 05** - foto tênis clube no festival regional da canção.

**Imagem 06** – jornal correio da Paraíba.

**Imagem 07** – jornal caderno correio.

**Imagem 08** – manifesto Arlequim.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.HISTÓRIA DA ORIGEM DO ROCK NACIONAL.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 O PRÉ ROCK NACIONAL.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 JOVEM GUARDA, TROPICALISMO E TELEVISÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>1.3 ROCK E CONTESTAÇÃO NOS ANOS 1970 E 1980.....</b>	<b>23</b>
<b>1.4 O PUNK E O ROCK BRASIL.....</b>	<b>28</b>
<b>2 ROCK NO ALTO SERTÃO PARAIBANO.....</b>	<b>31</b>
<b>2.0 ANTECEDENTES.....</b>	<b>31</b>
<b>2.1 SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UFPB.....</b>	<b>31</b>
<b>2.2 CONSPIRAÇÃO APOCALIPSE.....</b>	<b>33</b>
<b>A) REPERCUSSÃO NA MÍDIA LOCAL.....</b>	<b>38</b>
<b>B) LETRAS DE PROTESTO.....</b>	<b>40</b>
<b>2.3 ARLEQUIM ROCK BAND.....</b>	<b>44</b>
<b>2.4 CENAS ATUAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>4. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>65</b>



## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa o Rock Brasileiro dos anos 1980 em Cajazeiras/PB. Abordar também a relação do regime militar com a censura musical, posto que muitos músicos no regime ditatorial eram censurados por suas letras conterem críticas político – ideológicas. Para analisar todo esse processo será preciso compreender a crítica social do Rock nos anos 80, e nesse argumento aparece a história cultural que tem apreço pelas manifestações das massas, as resistências e a preocupação com o popular.

As fontes documentais analisadas foram: jornais da época, fotos, as músicas do grupo Arlequim e Apocalipse; as músicas foram analisadas observando-se, para melhor entendimento, o que o grupo revelava sobre sua geração. Nas letras das músicas utilizavam críticas através de figuras de linguagem como ironia e sarcasmo. Isso possibilitou a compreensão, no mínimo, de mais uma página da história política e social da nossa cidade. Outra fonte utilizada foi à entrevista. Entrevistou-se os integrantes musicais das bandas citadas acima, pessoas, que eram bastante jovens na época, que presenciaram o início do rock em Cajazeiras, e entrevistas com jovens do cenário atual do rock. Utilizou-se também pesquisa dos documentos sobre o regime militar e a redemocratização brasileira, com o intuito de entender todo o processo de como surgiu e por qual motivo aparecem letras nas músicas politizadas, ou seja, músicas de cunho social.

Esta pesquisa se inscreve no campo da História Cultural. Segundo Ronaldo Vainfas, a história cultural tem preocupação em resgatar o papel das classes sociais, da estratificação e mesmo do conflito social, e a história cultural tem apreço, pelas manifestações das massas anônimas: as festas, as resistências e as crenças e também se destaca em duas maneiras distintas de tratar a história cultural:

A história cultural praticada pelo italiano Carlo Ginzburg, notadamente, tem suas noções de cultura popular e de circularidade cultural presente e trabalha com reflexão teórica. A cultura popular, segundo Ginzburg, se define, antes de tudo, pela sua oposição à cultura letrada ou oficial das classes dominantes, o que confirma a preocupação do autor em recuperar o conflito de classes numa dimensão sociocultural globalizante. Mas, a cultura popular se define também, por outro lado, pelas relações

que mantêm com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida: é a história da cultura produzida pelo inglês Edward Thompson, especialmente, na sua obra sobre movimentos sociais e cotidianos das “classes populares” na Inglaterra do século XVIII. O campo teórico da cultura popular em Thompson valoriza, portanto, a resistência social e as lutas de classes em conexão com as tradições, os ritos e o cotidiano das classes populares num contexto histórico de transformação.( CARDOSO, C; VAINFAS, R. Domínios da história)

A elaboração deste trabalho vem, primeiramente, pela apreciação ao rock e querer conhecer sua história no período abordado; mostrar que o rock não se limita ser apenas um gênero musical, e sim uma demonstração do que estava acontecendo no cenário social da época. As letras das músicas são importantes para compreensão do que vivenciava a sociedade, pois era uma música que contestava a política, a cultura e o social.

A intenção de destacar o Rock no Sertão, especificamente, em Cajazeiras é para mostrar o que acontecia no âmbito nacional, denunciadas pelas bandas de rock dos anos 80, pois suas letras musicais nos soam tão atual, a exemplo do grupo “Legião Urbana”, que mesmo com o seu final, com a morte de Renato Russo, suas músicas continuam sendo lembradas, interpretadas e representando a juventude.

Toda música, como manifestação artística e cultural, representa o tempo vivido, o tempo do compositor. Então, pode-se dizer que fazer música é fazer história. Ao analisar as músicas do rock de Cajazeiras, vemos uma parte da história do Brasil, ou seja, uma micro história, pois encontramos em suas composições críticas à sociedade de consumo, às classes sociais, a violência e à própria constituição, por exemplo, nas letras das bandas “Conspiração Apocalipse” e também da “Arlequim Rock Band”. Elas nos transmitem informações culturais importantes. O quadro político e social no final do regime militar e os primeiros passos da redemocratização política é um caminho necessário à compreensão e ao entendimento no campo de possibilidades que os roqueiros dos anos 1980 produziram: suas canções; para que elas pudessem ser incluídas no campo fonográfico nacional.

As canções roqueiras não se deixavam constituírem apenas em um recado político de uma geração que – mais imaginada do que conhecida pelos agentes políticos e culturais da época – pretendiam ter suas representações ouvidas no processo de redemocratização nacional, o qual era tão incerto quão inseguro, e que todas as vozes a seu favor eram importantes e, às vezes, pareciam insuficientes, como tinha sido no caso da Campanha das Diretas Já.

Grande parte dos roqueiros nasceu nos anos 1960. Portanto, eles cresceram em meio à repressão política e ao silêncio; ao arrefecimento do engajamento político; à tecnização do ensino secundário e superior, à desvalorização da escola pública; a perda e descrença da força e importância do movimento estudantil; à crise econômica com inflação galopante e concentração de renda; ao arrastado e incerto processo de redemocratização política; à padronização da cultura e do comportamento devido ao avanço da televisão.

## 1. História da Origem do Rock Brasileiro.

Neste capítulo faz-se um levantamento do histórico do Rock Brasileiro, abordando a relevância desse gênero musical e da composição de grupos de rock nacionais que participou desse momento da cultura política e musical do Brasil.

Interessa neste capítulo perguntar sobre a possibilidade de que a nova cultura jovem que se cristaliza com o ROCK possa transmitir mensagens e valores típicos da contestação social. Seria o ROCK uma visão do jovem enquanto sujeito social, político, histórico que busca por mudanças através da inquietude, rebeldia e contestações? Ou seria apenas mais um item a ser consumido pela indústria do entretenimento?

O ROCK n'ROLL surgiu nos Estados Unidos e foi uma junção, ou mais precisamente, um desenvolvimento de diversos ritmos existentes que se juntaram e acabaram formando essa estética sonora que geralmente se chama de ROCK. Na época os grandes estilos musicais que tocavam nas rádios eram o BLUES, o COUNTRY, o GOSPEL e a música POP, não havendo, portanto um criador do ROCK n'ROLL, ele é muito mais uma criação espontânea, coletiva e inovadora de tudo o que ocorria até o momento na música e cultura de massas norte americana. Sua evolução a partir especialmente do blues e da música COUNTRY fez surgir um ritmo rápido e dançante e que caiu logo no gosto popular, conquistando jovens que se identificavam com o estilo até certo ponto rebelde dos cantores e bandas e se espalharam pelo mundo, formando um novo modo de comportamento determinado pela indústria Cultural<sup>1</sup>. O termo Rock também conhecido por uma transgressão no hábito da juventude. No momento de sua difusão é que presenciamos uma nova concepção de “ser jovem”, Assim, a mudança de atitude dessa população não demorou a chegar, junto ao solo brasileiro.

Contracultura e contestação social impactaram as populações jovens de toda a América. Movimentos de denúncia e tentativas de expor seu descontentamento políticos e sociais através das canções estão presentes na geração que recebeu o Rock nacional. Atitudes de contestação da ordem podem ser sutis como um penteado, uma roupa, uma moda, mas nem sempre chegam a tomar uma dimensão política e social. Atitudes de

---

<sup>1</sup> Indústria cultural é o termo usado para designar o modo de fazer cultura, a partir da lógica da produção industrial. Significa que se passou a produzir arte com a finalidade do lucro. Para se obter lucro com a música, por exemplo, é preciso fazer uma composição que agrade o maior número de pessoas.

contestação juvenil sempre foram praticadas ao longo dos tempos no Brasil, mas há uma clara modificação no decorrer de 1960, quando se implantava no Brasil uma ditadura civil-militar<sup>2</sup>. Nesta concepção, para compreender esta conexão das músicas com o meio político, é fundamental investigar a conjuntura histórica, política e social desse período.

No Brasil, a história inicia-se nos anos 1950, período em que o Rock enfrenta fortes dificuldades para ganhar espaço entre os ritmos preferidos dos jovens, no entanto, sua explosão aconteceu a partir de 1980 (ROCHEDO, 2011). Jaques (2007, p.33) sintetiza o momento de chegada do Rock em solo brasileiro entre dois extremos: muitos defendiam, por um lado, que se tratava de “americanização” e “alienação” para a juventude. Parte organizada dos intelectuais perceberam isso como um procedimento de crescente influência americana na cultura brasileira. A polarização política, que caracteriza os anos 60, levou até a realização de uma Marcha contra a Guitarra Elétrica<sup>3</sup> em plena ditadura (1967); por outro, muitos encararam o processo de chegada da nova musicalidade apenas como um fora “modernização” e “atualização” de nossos jovens.

## 1.1 – O Pré Rock nacional

O *ROCK* embarcou no país do carnaval nos anos de 1950, através de versões em português cantadas pela cantora Nora Ney, que cantava a versão abrigueirada de “*Rock around the clock*”. Desde então, a indústria fonográfica brasileira, desfrutando a atual “sensação do momento” conduzida pelo movimento, também decidiu produziu algumas músicas de *ROCK*, sendo a maioria dessas meras versões de músicas de sucessos nos EUA, apresentadas por cantores de renomes no Brasil. A mera tradução de músicas

---

<sup>2</sup> O Regime militar foi o período da política brasileira em que militares conduziram o país. Essa época ficou marcada na história do Brasil através da prática de vários Atos Institucionais que colocavam em prática a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao regime militar.

<sup>3</sup> Em 17 de julho de 1967, com o intuito de "defender o que é nosso", foi organizada em São Paulo a famosa "Passeata da Música Popular Brasileira", que entrou para a história como a "Passeata contra a Guitarra Elétrica", uma passeata contra a invasão da música estrangeira e a música norte americana, Uns dos líderes desse movimento era Elis Regina, Geraldo Vandré entre outros cantores também participaram dessa passeata.



consagradas pela indústria fonográfica americana parecia produzir sucesso imediato. Esse período chama-se “Pré-Rock brasileiro, ou seja, um período meramente imitativo.

Apesar disso, o “pré-rock *brasileiro* ” conquistou seu território ao passar dos dias da juventude urbana, especialmente durante o tempo de governo do presidente da época Juscelino Kubitschek; mas só obteve sucesso de destaque quando uma cantora gravou a canção “*Estúpido cupido*” em 1959. Foi nesse momento que surge à primeira figura de *Rock* no Brasil: Celly Campelo. Entretanto o público com o gosto do recente arranjo ainda era muito limitado, o que só foi substituído na próxima década por causa do movimento conhecido como “Jovem Guarda”.

O conteúdo abordado nas primeiras músicas do rock brasileiro apresentava o conceito de edificação pelos atuais modos de vida que assumiam as mudanças na cultura da juventude e urbana mundial, agora transposta para a rotina das grandes e médias cidades brasileiras. Temas como: as paqueras, os namoros os carros, a motocicletas velozes, as festas e outras formas de contestações estavam inseridas naquelas letras das músicas que passou a representar os sonhos de aquisição dos jovens daquele tempo<sup>4</sup>.

Em 1957 o conjunto que estava nas paradas musicais de sucessos era a banda “Betinho & Seu Conjunto”, formado por Tony Campello e Celly Campello que eram irmão, gravaram as músicas, como “*Estúpido Cupido*” e “*Enrolados de Rock*” que foi um sucesso de vendas. Foi com início dessa promissora venda de discos e dos bailes que tocavam a frenética música dançante dos americanos que o rock passou a ter uma boa aceitação pela indústria fonográfica nacional. Então, o ROCK teve seu marco na década de 50, mas com poucas estrelas e alguns ícones que nem do rock eram necessariamente, a exemplo de Nora Ney e Cauby Peixoto. Diferentemente dos americanos, não existia noções associadas ao ritmo, como o conceito de ‘rebeldia’ e nem a ideia de “transformar” os costumes.

## 1.2 – Jovem Guarda, Tropicalismo e Televisão

O segundo momento importante para a difusão do ROCK’n ROLL foi a tumultuada década de 1960. Foi sem hesitação de muita seriedade, para a receptividade

---

<sup>4</sup> ... “Ele usa lambreta e é tão veloz  
Se passa na corrida eu perco a voz  
E fico desejando, Oh meu Deus!  
Que ele caia bem nos braços meu. ( Celly Campelo, 1959)

do rock nacional, o cenário da política e sociedade que o Brasil e toda América Latina passava. Certamente a situação de Ditadura estimulava e inspirava as próximas gerações a rebelar-se contra “os bons costumes”. A expressão dessa “rebeldia” é o movimento da “Jovem Guarda”, porém não ultrapassava as roupas coloridas e o corte de cabelo. A contestação social não é um tema caro a suas canções, nem muito menos à contestação política ao regime; mas, ainda assim, pareciam aos conservadores uma ameaça aos bons valores das famílias de bem que apoiavam o regime.

A reivindicação, ainda que apenas no campo das práticas, estava ativa ao movimento da contracultura e ao programa da Jovem Guarda<sup>5</sup>. Os novos ídolos respondiam a uma moderna realidade: a urbanização do Brasil e o início de novos hábitos no lar, como assistir à televisão, por exemplo. A TV Tupi<sup>6</sup> foi de suma relevância para a consagração dos Roqueiros tupiniquins, pois foi um veículo estimulante para o novo modo de ser urbano e juvenil. A Televisão foi o instrumento que transmitia para todo território nacional os novos hábitos urbanos. Os veículos de comunicações anteriores eram as rádios, os jornais e revistas. Com a chegada da TV, as coisas ficaram mais cosmopolitas e o rock entrou nesse momento para o vocabulário brasileiro.

Na década de 1960 a televisão demonstrava um importante papel para propagá-la a cultura musical. Além de ter sido a responsável da publicidade da atividade da “Jovem Guarda”, a Televisão é considerado de grande responsabilidade de popularizar os festivais de músicas da década de 1960, e esses, por sua vez, o componente propulsivo do movimento vivenciado pela música nacional que recebia grandes sonoridades de contestação. Dessa forma, apresentado simultaneamente ao episódio harmônico da Jovem Guarda, eles conquistaram notoriedade junto à comunidade universitária. Os festivais produzidos pelas TVs Record e a Excelsior destacaram nomes como os de Caetano Veloso, Elis Regina, Chico Buarque, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, e, por sinal, muito relevantes para a cultura daquele período.

Nesses eventos, a música brasileira, com o teor político, começa a alcançar popularidade entre o público, passou a ser designada de MPB (Música Popular

---

<sup>5</sup> Nem mesmo no campo dos “costumes” os Ídolos da Jovem Guarda eram bem pouco contestadores: Celly Campello, que foi um dos primeiros ícones do *rock* brasileiro, decidiu abandonar a carreira para se casar em 1962.

<sup>6</sup> Rede Tupi foi uma emissora de TV brasileira, onde além de sua programação, aconteciam os festivais da música brasileira.

Brasileira) fazendo críticas à ditadura militar. Baseado no que estava acontecendo nessa etapa passou a expor, de forma mais clara e diretamente, a inquietude e a oposição dos sujeitos históricos daquele cenário.

O novo hábito de ver televisão foi muito marcante para os resultados adquiridos pela atividade da chamada “Jovem Guarda”, sua identificação está explícita no Programa “Jovem Guarda<sup>7</sup>”, exibido pelos novos ídolos da juventude em todos os Domingos no horário da tarde. Para os jovens, que acompanhava os festivais pela TV, observava um estilo moderno, não era suficiente apenas ouvir as músicas, mas era necessário adotar a tendência estética e visual, inspirados nos apresentadores do programa. Portanto, a TV foi responsável de representar um significativo meio de divulgar uma nova personalidade da juventude, inspirado pelo movimento da “Jovem Guarda” por meio das músicas roqueiras.

A Jovem Guarda foi um movimento que teve expressão nacional, se tornando a geração que primeiro “recebeu” a cultura rock and roll no Brasil na década de 1960. Segundo Carmo (2001) “a Jovem Guarda era a versão nacional da energia rebelde do rock’n’roll, ritmo que estava invadindo o mundo inteiro. Sua música emblemática, Quero que vá tudo pro inferno, revela um pouco de seu ideário. Defender a música nacional não importava para esta tribo” (CARMO, 2001, p. 43)

O estilo de música e as demarcações estilísticas nos modos de se vestir e no próprio comportamento jovem brasileiro da década de 60 foram indubitáveis, porém o movimento preconizado pela Jovem Guarda não ganhou a simpatia e menos ainda a adesão dos jovens engajados politicamente. Para muitos deles, o movimento “[...] com suas guitarras e suas músicas, constituía-se de um grupo de jovens alienados e submissos à influência maléfica do imperialismo cultural norte-americano. (CARMO, 2003. p.45).

A contracultura foram muito mais incisivas na crítica que os jovens brasileiros adotaram através das canções; sobretudo, após o golpe de 64, quando a arte passa a expor o que estava acontecendo no Brasil, como foco no cinema novo, na poesia e na música. A “canção” foi no Brasil uma arma de luta contra o regime de exceção.

---

<sup>7</sup> Foi um programa de televisão musical produzido entre 1965 e 1968 pela TV Record e TV Rio, então das Emissoras Unidas, e foi apresentado pelos cantores Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderleia. O programa teve a grande popularidade no Brasil (entre 1965-1968) de um movimento musical e cultural inicialmente chamado de "lê-iê-iê" e depois também de "Jovem Guarda".

A arte foi uma maneira de insurgir-se contra a ditadura, foram umas das medidas de expressão da revolta pelo golpe, sobretudo depois do AI5<sup>8</sup>. Mas, naquele momento, o ROCK não foi bem aproveitado pela resistência artística. O ROCK deveria surgir para reivindicar e transformar o Brasil. Daí o movimento da MPB foi por um caminho diferente do percurso dos roqueiros. O ROCK deveria ser gritado e “berrado”, mas os jovens decidiram ir pelo caminho mais fácil, pois, de fato, a MPB tinha um espaço consideravelmente maior do que o ROCK, e uma abertura maior também. Pelo fato da MPB ter essa linguagem mais coloquial nas músicas, ficou mais difícil de identificar as mensagens subliminares nas letras. O ROCK tem esse aspecto mais direto de gritar, apontando diretamente suas críticas e insatisfações.

A ditadura militar prejudicou o ROCK, quebrando sua forma de atuação, e tentando tirá-lo de cena. Nesse contexto, não era possível fazer um trabalho musical como o rock, pois qualquer forma de protesto em oposição ao Regime era censurado. Sobrava apenas o ROCK inofensivo dos bailinhos de namorados.

As coisas ficaram ainda piores com o fim da Banda “Os Mutantes” que melhor representou uma tradução brasileira da cultura roqueira. A causa da ‘queda’ dos Mutantes em 1972, foi devido ao fato de Rita Lee sair do grupo para seguir carreira solo. A banda já iria acabar em 1978. Algumas pessoas chegaram a ter uma visão diferente sobre o que seriam “Os Mutantes”, pensavam que a banda fosse uma ‘novela’ da Rede Record e que seriam ‘vinculados’ como um subproduto da Tropicália; mas os mutantes eram adeptos ao estilo de música experimentalista. O grupo OS Mutantes desfrutaram de uma relevância significativa no rock nacional, tanto por suas músicas abordarem temas como: revolta, sexo e drogas, como porque, no auge da ditadura, tiveram coragem de se arriscar em rede nacional e shows, cantando tais músicas. Certamente, os Mutantes foram fruto do contexto musical da época, de uma cultura preparada pela Jovem Guarda e que trazia muito do pop e da bossa-nova, mas tinham o que se chama atitude ROCK’n ROLL, o espírito de confrontar.

Jovem Guarda é uma forma de contracultura? Ou é mero produto da Indústria Cultural? Em certo sentido ao agir contra a estética cultural imperante no país, por significar uma dissonância com o comportamento ainda limitado aos bons costumes da

---

<sup>8</sup> O Ato Institucional nº 5, AI-5, assinado no dia 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a medida mais acabada da ditadura civil militar (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 considerado o período mais repressivo da ditadura.

família tradicional, ela é sim contra a cultura tradicional. Mas de outro lado, ela é a importação de um padrão de cultura imposto desde os EUA para o restante do globo, e neste sentido é mera importação de cultura desde o estrangeiro.

Nos anos 60 no Brasil aparecem outras bandas com qualidades mais semelhantes às da contracultura, entretanto fazendo uso da exclusiva cultura nacional para exigir o direito para os jovens urbanos. Esse movimento artístico ficou conhecido como a Tropicália. O movimento da tropicália é totalmente diferente da cultura da Jovem guarda que produz suas músicas através de cópias ou mesclagem do que era produzida fora do país, à tropicália constrói suas letras baseada na música local brasileira. Segundo Paes:

“O pós-tropicalismo, da mesma forma que a contracultura, não se restringiu à produção artístico cultural, mas ultrapassou esses limites, envolvendo amplos setores das classes médias urbanas, dos grandes centros do País, em busca de novas concepções de vida, novos valores e comportamentos, buscas enfim de outras explicações do mundo e da felicidade. Atingiu mesmo muitos daqueles que haviam atuado no movimento estudantil e nos partidos políticos de esquerda. A militância política nos moldes dos anos 60 estava inviabilizada, não apenas porque a ditadura em sua fase mais terrorista havia desestruturado todas as organizações, mas também porque muitos daqueles jovens haviam se transformado naquela incrível trajetória dos anos 60” (PAES, 1997, p.84)

No final da década de 1960 ocorre o movimento chamado Tropicalismo. Tal movimento misturou gêneros musicais como o Rock, a Bossa Nova e o Samba, entre outros. Ganhou expressividade no Brasil e trouxe uma nova estética musical com seus representantes cabeludos, vestes extravagantes e suas guitarras barulhentas (ZEMANOVÁ, 2009). Deste modo, manifestavam uma oposição que não contentavam aos que estavam no poder. Suas canções expressavam uma natureza revolucionária que eram encaradas pelo governo uma ameaça ao regime. De acordo com Holanda (2004), o movimento tropicalista dá início a uma fase de se “pensar a necessidade de revolucionar o corpo e o comportamento, rompendo com o tom grave e a falta de flexibilidade da prática vigente” (2004, p.70). Buscavam através da zombaria, deboches e ironia em suas letras alcançar a eficácia crítica. Alguns artistas, cantores e compositores, ligados ao movimento, foram presos artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil passaram dois meses na prisão e, posteriormente, foram convidados a sair do país, sendo exilados na Europa por aproximadamente dois anos (ZEMANOVÁ, 2009). Apesar de o movimento ser proibido, muitos continuaram com sua trajetória, é o caso dos Mutantes (JAQUES, 2009).

Em meio a essa efervescência no meio político, os representantes do ROCK

também começaram a sofrer as consequências da repressão; foi o que aconteceu quando os Mutantes tiveram sua música “Dom Quixote”, em 1969, censurada. Para os militares a música tentava passar nas entrelinhas uma mensagem revolucionária contra a ordem, visando à derrubada do governo. Por isso, tiveram que cortar vários versos da música como “dia há de chegar / a vida há de parar / para o Sancho descer / pro Quixote vencer” “e armadura e espada a rifar” (CALADO, 1996, p.147). A atitude de revolução e de transgressão dos jovens roqueiros não contentava os militares.

O regime militar não dava cabimento para críticas perceptíveis, para propagandas comunistas, pois o caminho dos repressores muitas vezes resultava em prisões ilegais, torturas generalizadas, exílio do país e até morte.

Houve certamente movimentos em discordância com a ditadura, discordantes com as medidas do governo, política social e cultural implantada pela ditadura militar, e nesses grupos estava uma pequena parcela, entretanto consideráveis números de jovens bem instruídos e politizados atuantes aos movimentos de esquerda, sobretudo ligados ao CPC, da UNE. Muitos desses, desde os primeiros momentos do AI5, resolveram agir de forma clandestina, pois a UNE, o Partidão (PCB) todos foram fechados e jogados na clandestinidade. Alguns desses grupos de relutância contra o regime de ditadura acabaram optando pelas lutas de guerrilha<sup>9</sup>.

Nota-se que esses movimentos de resistência ao regime, apesar da forte repressão, em nenhum momento foram desarticulados e abandonados. Mesmo que esses grupos tenham agido sem o apoio massivo da sociedade civil, estas maneiras de oposição foram fundamentais para o progresso da obtenção da reconquista da democracia brasileira.

Ainda com uma rígida censura, o movimento de protesto aumentava simultaneamente com atividade musical que se apresentava nos festivais. Assim, as músicas politizadas começavam a ter destaque neste contexto, assim como meio de contestação dos excessos impostos pelo regime para toda a população brasileira. À proporção que o governo ditatorial dos militares se tornava mais rigoroso, as censuras eram ampliadas, sofrendo repressão todas as suspeitas que era potencialmente oposto ao regime. A censura se firmava em todas as áreas, aplicava-se em tudo o que pudesse portar qualquer iniciativa contestadora, pouco importava a quem, se aos estudantes, artistas ou pessoas comuns. A censura da época tinha representantes em todos os

---

<sup>9</sup> Método de resistência contra o regime militar.

segmentos de atividade artística, fosse à televisão, no rádio, jornais ou na arte cênica. Diversas pessoas sofreram perseguição, sofreram exílio, foram presas e até torturado e mortos no esforço de extinguir todas as oposições de culturas críticas ao regime imposta pela elite e pelos militares. Segundo Costa e Mello: “os artistas ligados ao teatro, cinema ou música procuravam meios de burlar os censores utilizando-se principalmente de metáforas”. (1999, p. 359).

### **1.3 – Rock e Contestação nos anos 70 e 80**

Com o método de produzir, e se expressar do rock dos anos 1970 , é totalmente diferente dos grupos da Jovem guarda, tiveram a iniciativa de produzir sua arte de uma forma que levantava mais questionamentos e se expressavam de forma mais críticas. O objetivo de ouvir o rock:

Passou a ser uma forma de contestar, de procurar um novo objeto, um novo ideal – não apenas a música, mas a carga de símbolos com que poderia ser vestida, as possibilidades de ruptura com os discursos conservadores de direita e de esquerda (BRANDÃO e DUARTE, 1995, p.87).

O rock naquele momento agia de uma forma muito mais contestadora das atitudes políticas da ditadura militar, independentemente de não está estritamente aliado com a política das esquerdas, forçadas a irem para a clandestinidade; nem com a política da direita, que paulatinamente via cair o apoio da classe média ao golpe. Os roqueiros dos anos 70 expunham em seus versos nas canções, reivindicações políticas mais claras e críticas e mais direta ao regime.

Na virada da década de 1970 a política nacional começa a ter uma abertura política. Entre outras situações, no ano de 1979 é autorizado o regresso ao país, dos cidadãos de exílio político e, além disso, a liberdade dos que se encontravam encarcerados por conta das censuras. No ano 1984, instaura um procedimento de estabilização da soberania popular, em consequência, a volta paulatina do direto de manifestação artística.

O ano de 1973 é considerado o ano da disparada do ROCK com o surgimento de Raul Seixas, Secos & Molhados, entre outros. Raul Seixas foi e é até hoje um grande ícone do rock brasileiro. Sua composição é um rock mesclado com outros estilos da

música de raiz brasileira, pode-se dizer que sua obra é autêntica e condiz com a atitude ROCK'n ROLL, que é questionar, criticar e expor ideias de modo cru e essa característica está presente na música de Raul. Há sempre a batida e a voz impactante que traz o verdadeiro espírito do ROCK. Raul tinha espírito de roqueiro. Ele foi inspirado pelo chamado rei do rock, Elvis Presley.(VIZZOTTO, Vitor Placucci. 2012,p.15)

Eu ouvia Elvis Presley o tempo todo. Com 11 anos ouvia seus discos até estragar os sulcos. Pegava fogo dentro de mim. O rock era a chave que abria as minhas portas, que viviam fechadas. O rock era muito mais que uma dança, era todo um jeito de ser. Para a família, cantar em Salvador era como ser cobrador de ônibus. Estava tudo no ar. Luiz Gonzaga tocava o dia inteiro na Bahia, nas rádios, nas praças. Idem a loucura de Elvis Presley. Era idêntica à estória de Cintura Fina e Good Rocking Tonight. O mesmo tom safado e irônico. Saquei que Luiz Gonzaga tinha o mesmo suingue do Elvis Presley. Os dois eram bem safadinhos. Acho que o humor nordestino é muito parecido com o humor americano. (SEIXAS, Raul. In: SEIXAS, Kika.1995,p. 27)

Entender o engajamento de Raul Seixas no campo musical da época significa compreender a maneira como o cantor escolheu para se expressar, e levar para as pessoas através das mensagens sonoras, a contestação e a inquietude contra a sociedade tradicional brasileira.

Vale ressaltar o fato de que, “[...] o *rock and roll* foi muito combatido também pela mídia brasileira e chamado de gênero musical importado e alienante [...] desde o princípio, o que se estendeu por um longo tempo”. (TINHORÃO, 1998, p.325)<sup>10</sup>.

Entre o final dos anos setenta e o início dos anos oitenta, o Brasil passava por um período da sua história conhecido como “Abertura” democrática. O início dos anos 80 foi marcado pelo fim do bipartidarismo, e com a permissão de criação de vários partidos políticos tais como: Partido dos Trabalhadores (PT), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Partido Democrata Trabalhista (PDT) entre outros. Mas o período ficou marcado, principalmente, pela mudança do Regime militar para a democracia restrita. A população brasileira lutava pelo movimento “Diretas Já”, e o país saía de aproximadamente 20 anos de repressão e censura impostas pelo Regime Militar.

---

<sup>10</sup> TINHORÃO, José Ramos. **História Social da Música Popular Brasileira**. São Paulo: Ed. 34, 1998. p.325, referindo-se à Tropicália.



Outro acontecimento importante foi o início do movimento chamado “Nova República”, que trouxe ao país a percepção de que o Brasil se tornaria mais eficiente economicamente e socialmente, no entanto na chamada República demonstrava-se seus limites ao proporcionar uma democracia restrita. É uma época de intensa convulsão social e política. As situações política e econômica causam impacto na vida das pessoas, e o país vive manifestações populares em muitas cidades brasileiras. Esses eventos populares contaram com a participação de milhares de brasileiros. Esse amplo movimento ficou conhecido como “Diretas Já”, um movimento político que exigia o estabelecimento de um regime de democracia, com grande participação popular e que culmina com eleições, ainda indiretas, para presidente da República.

Antônio Barbosa, em sua pesquisa, aborda que o movimento das “Diretas Já” ocorreu nas grandes capitais do país em 1983-1984. Uma multidão, formada por jovens, operários, trabalhadores e políticos saíram às ruas em protesto contra a Ditadura Civil e Militar (1964-1985), com o interesse de pressionar o governo a realizar eleições diretas para Presidente da República. Segundo Delgado (2009), ainda no período anterior ao Golpe Militar de 1964, ocorriam manifestações sociais autônomas, que sempre foram mal absorvidas pelo processo político brasileiro. No Governo João Goulart (1961-1964), diversos movimentos sociais cresceram em número e diversidade e ganharam maior densidade e capacidade de pressão na esfera da sociedade civil, priorizando o campo do reformismo social, a exemplo das ligas camponesas, do movimento estudantil e das organizações sindicais rurais e urbanas em uma conjuntura marcada pela Guerra Fria e atritos que, para Delgado, estaria em um mundo dividido em socialismo e capitalismo.

Segundo Barbosa, as manifestações eram o sinal evidente do descontentamento popular e o anseio por mudanças. Havia grande expectativa na sociedade brasileira, porque seriam necessários 320 votos para a aprovação da “Emenda Dante de Oliveira”, que pedia a realização de eleições diretas após mais de 20 anos de regime militar, porém os deputados não aprovaram a emenda em virtude de um artifício dos aliados da Ditadura: a ausência de 113 deputados, 65 votos contra e 03 abstenções. (Aquino et al., 2000). Assim, as exigências populares não foram atendidas de imediato e, em 15 de janeiro de 1985, o Colégio Eleitoral reuniu-se elegendo Tancredo de Almeida Neves, pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e seu vice, José Ribamar Ferreira Araújo da Costa Sarney, oriundo de partidos que apoiaram a Ditadura, mas

criam a “Frente Liberal” com “dissidentes” formando a “Aliança Democrática” com o PMDB. Com um total de 480 votos dos 686, Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil. Era a esperança de um PAÍS melhor; após, mais de duas décadas, finalmente um civil assumia o regime presidencialista que fora “arrancado” do povo em 1964. ( LÚCIO, Antônio Barbosa,p.5)

Com a redemocratização, o Brasil não se tornou uma democracia plena, as marcas do autoritarismo jamais foram extirpadas da sociedade, haja vistas instituições criadas pelos militares estarem ainda mais fortes hoje, como a Polícia Militar<sup>11</sup>, por exemplo. As pessoas votam, mas não se sentem representadas, existem muitos direitos políticos, mas poucos direitos civis. Pode-se dizer que a sociedade não teve e não tem muita importância no Brasil, uma vez que o Estado busca a sua saída se agarrando ao poder econômico.

É nesse contexto de “Abertura Política” que apareceram algumas das bandas que influenciaram a juventude brasileira das décadas de 80 e 90. Há, devido a isso, uma clara crítica social implícita no rock brasileiro das cidades grandes e médias dos anos 80. Ou seja, ele se propunha não apenas a diversão por meio de um gênero musical, mas se nota que existe em muitas bandas a procura por comentar e até mesmo interferir nos acontecimentos daquele tempo histórico, contribuindo assim com o processo amplo de saída do regime de exceção e ingresso de fato em uma democracia.

O início dos anos 1980, no que se refere à juventude de classe média e à indústria fonográfica, apresentou duas importantes mudanças. Os jovens e adolescentes estavam cada vez mais distantes dos discursos nacional-populistas da esquerda e direita que, no terreno musical dos anos 1960 e 70, cultivavam a MPB esclarecida, rejeitando o pop-rock considerado alienante. A juventude urbana de classe média não era mais aquela dos movimentos estudantis, das novas esquerdas, dos festivais, das músicas de contestação e de luta contra a ditadura. Tratava-se de jovens mais desenraizados de motivos, valores e obrigações nacionalistas, populistas e da politização da cultura. (ORTIZ, 1994).

---

<sup>11</sup> ...

“Porque pobre quando nasce com instinto assassino  
Sabe o que vai ser quando crescer desde menino  
Ladrão pra roubar, marginal pra matar  
Papai eu quero ser policial quando eu crescer” (veraneio vascaína, 1986).

Podemos estudar a contribuição do chamado “Rock Brasil” para o estabelecimento de novos padrões das atitudes da juventude, na esteira do que já ocorrera em outros países como EUA e Inglaterra. O principal impacto do estilo musical é o modo de entender a juventude, pois os jovens que curtem o punk, por exemplo, começaram a imitar o estilo de seus ídolos, calça jeans rasgada, coturno, jaquetas, camisas rasgadas. Investigar se, além do comportamento, o ROCK trouxe também para os jovens novos modos de pensar os problemas sociais nos quais estão envolvidos é um dos objetivos desta pesquisa.

Sabe-se que em determinadas letras de música se faz presente um tom de protesto, visto que o ROCK nacional recebia influência das bandas internacionais, principalmente do estilo punk, como *The Ramones e Sex Pistols*, saindo das garagens, essas bandas revelavam o que de fato estava acontecendo na sociedade e expunham suas reivindicações de um novo mundo e uma nova nação. É nesse ponto que o rock continuou a receber críticas no Brasil, dentre as críticas que recebe são as dos críticos e pesquisadores da música popular José Ramos Tinhorão e José Nêumanne Pinto. Como mostra da natureza das críticas de que foi alvo o rock nacional, citamos duas opiniões diferentes publicadas pelo Jornal do Brasil, importante órgão de imprensa no período:

Esta nova onda representa uma safra de equívocos. O rock tupiniquim não veio para ficar. É apenas uma jogada mercadológica. Como foi a jovem Guarda. (Jornal do Brasil, José Nêumanne Pinto, 25 de outubro de 1983).

(...) acusar a atual geração de mistificadora é um insulto contra jovens que estão fazendo um trabalho honesto e criativo, a partir das influências que receberam de um gênero musical externo, a que recorreram e adaptaram porque não encontraram nada o que os satisfizesse no Brasil. (Jornal do Brasil, Jamari França, 26 de outubro de 1983).

O rock se nacionalizava com músicas que tinham a intenção de expressar as experiências e sentimentos de toda uma geração. É nesse contexto histórico que surgem as bandas: Legião Urbana, Ratos de Porão, Capital Inicial, Plebe Rude, entre outras. Nota-se que parte desses grupos não tem o objetivo de apenas divertir o público, mas de, ao mesmo tempo, mostrar os principais problemas enfrentados pelo jovem em uma sociedade fechada e em uma democracia restrita.

Quem ouve essas músicas tem a impressão de que nos anos 80 todas as bases sociais eram questionadas, a família, a Igreja, os meios de comunicação, a política etc.

No ano de 1985 a banda gaúcha Garotos de Rua ganha reconhecimento nacional cantando a música “Tô de Saco Cheio”; no mesmo ano, a banda Legião Urbana lança seu primeiro disco e canta “Geração Coca Cola”, uma crítica explícita a indústria cultural e a comunidade consumista. Assim, o rock brasileiro ganhava espaço comercial e midiático, expressando as mágoas do período de repressão e hipocrisia social.

O rock brasileiro dos anos 1980, em princípio, foi impulsionado pela indústria fonográfica brasileira, que tentava romper a desconfiança da cultura local em relação ao ROCK.

Enquanto a vanguarda paulista, apesar de seu nome, significava o último suspiro da “tradicional” linha evolutiva da MPB, o movimento punk apontava para uma inesperada direção, tanto para a renovação da música comercial consumida no Brasil quanto para a transgressão sociocultural, a partir da linguagem pop-rock. Enquanto a vanguarda paulista era criada por jovens universitários de classe média, os punks eram jovens de classes trabalhadoras moradoras de subúrbios e periferias de grandes cidades. (BIVAR, 1988)

#### **1.4 - O Punk e o Rock Brasil**

O PUNK-ROCK brasileiro dos anos 1980 se inspira no PUNK inglês. Em suas composições pode-se encontrar um conteúdo de crítica social e, até certo ponto, político; há uma convicção de que se deveria lutar contra o Estado opressor e a sociedade de consumo, que definiam um método de crítica, o “faça você mesmo”, visto que qualquer um poderia formar uma banda de ROCK, não sendo exigido nesse estilo grande formação em música e poesia. Era um modo de criticar a elitização e domesticação do ROCK pela indústria cultural. O PUNK se apresenta assim como gênero democratizante, pois mesmo um “músico” sem formação musical, poderia ter sua banda e por meio dela “falar ao mundo”. A música nesse contexto vale mais como plataforma para se poder dizer o que se pensa da vida e da sociedade.

A origem do chamado movimento PUNK se dá no Brasil na passagem do fim da década de 1970 para o início dos anos 1980, sobretudo nas periferias de São Paulo, e logo após no Rio de Janeiro. Tanto o Rock de São Paulo como do Rio e Brasília procuravam desenvolver temáticas de crítica da sociedade da época. No Brasil o movimento PUNK é uma extensão desse estilo que nasceu na Inglaterra, uma de suas

primeiras inspirações foram os grupos Sex Pistols e The Clash, bandas que tinham um conteúdo totalmente politizado.

As primeiras bandas PUNKS de São Paulo surgiram a partir de 1978, entre muitas: “Resto do nada”, “AI5”, “Condutores de cadáveres”... Essas bandas de subúrbio não conseguiram sequer chegarem a gravar suas músicas em estúdio. Seus shows eram sempre na periferia das cidades para um número mínimo de pessoas. (Documentário Botinadas, direção Gastão Moreira, 2006).

Essas bandas não tinham espaços nas gravadoras, nos canais de televisão, ou nas danceterias, que então proliferavam, mas que apresentavam apenas as bandas já consagradas, por isso, começaram a buscar locais menores, menos equipamentos(...) na maior parte das vezes porões, bares e boates com frequência mais marginal e montaram um circuito referido com Underground, denominação que servia também para designar o grupo. (Ana Maria, baiana-revista, som três, 1981. Apud BRYAN, Guilherme. Quem tem um sonho não dança: cultura jovem brasileira nos anos 80. Rio de Janeiro. Record, 2004, p 95).

Começou a surgir uma divisão entre os grupos com visibilidade, de um lado as bandas consagradas; e por outro, os Chamados *Undergrounds*, as primeiras eram alvo dos empresários da indústria fonográfica, porque eles procuravam aqueles grupos que mais se adaptassem aos padrões de consumo da Televisão; enquanto os segundos eram marginalizados.

Grande parte do rock, influenciado pelo método “faça você mesmo”, do PUNK-ROCK, identificava-se com formas de expressão através da música bastante criativa, ganhando destaque na indústria fonográfica, antes era vista com maus olhos, pois antes dos anos 80, o rock passou por várias dificuldades, por resistências por meio da sociedade, pelas indústrias e criticado por alguns jornalistas e cantores de outros gêneros.

As bandas que tiveram influência sobre a grande mídia foram: Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude, todas de Brasília. Essas bandas expressavam contestações e sentimentos de revoltas em decorrência do que acontecia com o país. Como a insatisfação popular era explicitada por estas bandas, muitos jovens compartilhavam das mesmas ideias, havendo um momento de identificação entre banda e público, pois ao contrário dos anos de chumbo da ditadura, as músicas do Rock expressavam suas ideias abertamente, quando falavam sobre o Brasil.

O rock nacional não foi um retrocesso estético, nem social ou cultural, até pelo contrário, pois representou um momento em que um mercado de consumo juvenil instituiu-se definitivamente no Brasil, ainda que com pelo menos 20 anos de atraso em relação aos Estados Unidos. O que é próprio do Brasil, e provavelmente seja a tendência do rock nos países fora do “Norte desenvolvido”, é o fato do atraso mercadológico não ter produzido nenhuma “contracultura” ou “psicodelismo” de efeito retardatório. (ROSZAC, 1972).

Se no desenvolvimento material do mercado musical juvenil houve um atraso, o mesmo não se observou em relação aos valores - a instituição do mercado de consumo juvenil viu-se acompanhada dos mais recentes valores e ideologias de consumo propagados pela indústria cultural. (SANTOS, 1992). A Juventude urbana dos anos 80 ainda estava sentindo a censura dos últimos suspiros da ditadura militar; testemunharam um procedimento de redemocratização onde a censura permaneceria por algum tempo.

Os jovens, da década de 1980, cresceram durante os anos de ditadura militar, posto que foram formados em momento de desestruturação política. Vivia-se o início da abertura política, as bandas de rock tiveram mais liberdade para fazerem suas críticas e manifestações sobre problemas sociais. Segundo Dapieve, (1995), se a politização da década de 1960 tendia para a esquerda, a politização da década de 1980 tendia ao anarquismo.

Enquanto parte da classe média universitária dos anos 60 ainda vê o Rock como instrumento de colonização, como dão mostras a “marcha contra a guitarra elétrica”, foi notável a mudança que se observa no início dos anos 80, pois o *rock* brasileiro começou a ser interessante para as grandes marcas fonográficas do país, ou seja, as gravadoras de grande porte passaram a contratar bandas e incentivar o novo comportamento jovem. Várias bandas e novos cantores surgiram em diversas partes do Brasil e se multiplicaram como nunca visto antes; chegando ao número de 250 bandas de rock registradas pela Associação de Músicos de Brasília em 1986; esse número chegou a 280 no ano seguinte, revelando o importante papel do rock para os jovens brasilienses. Diante do sucesso comercial e midiático de seus principais conjuntos, os jovens das grandes cidades continuaram a formar bandas, muitos sonhando, talvez, em alcançar o mesmo sucesso de seus ídolos no exterior, de modo que em 1988 eram 400 os grupos cadastrados pela Fundação Cultural do Distrito Federal. (Tom Leão apud PROGRAMAÇÃO FUNARTE, jan. 1986, p. 03).

No ano de 1986, como nunca, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro foram palcos de inúmeros eventos relativos ao novo rock nacional e ao novo público interessado em uma música jovem mais autêntica, distante daquela das finadas danceterias. (JORNAL DO BRASIL, 28/mar. /1986).

## **2 - Rock no Alto Sertão Paraibano :*UM ROCK DO FIM DO MUNDO.***

O rock chega ao Alto Sertão da Paraíba nos anos 60. Nessa década, em Cajazeiras, surgiram as bandas bailes Os Brasinhas, Bembens, Módulo Sete, Super Som Sete e Desajustados. A criação desses grupos foi motivado pela existência de um programa de auditório chamado Show de Calouros, que era realizado no extinto Cine Éden.

Nessa década, EM CAJAZEIRAS, surgiu uma banda chamada OS BRASINHAS, formada por Olivan Pereira (o Big Boy), Rômulo de seu Nô, e João Vianney. Na época, o show de calouros REALIZADO NO EXTINTO CINE EDEN era a sensação do momento. Outras bandas que surgiram na década de 60 foram “BEMBENS”, “MÓDULO SETE”, SUPER SOM SETE”, “DESAJUSTADOS”, essas bandas formadas para disputar os programas de calouros eram consideradas “bandas bailes”.

No mesmo período, em Cajazeiras, surgiram outras bandas que influenciaram o rock da cidade, espelhando o cenário nacional começou a aparecer o termo “OS” OS BEATLES, OS FEVERS, BEMBENS E SEU CONJUNTO aderiram ao” OS” e passaram a se chamar OS BEMBENS, formado por Mago, Demar, Geraldo e Olivan. O grupo musical teve certa repercussão na cidade. Ainda na década de 1970 surgiu outro grupo o SUPER SOM SETE, formado por Olivan, River, Albanete, João Robson e Neném, que teve duração de oito anos. Esses grupos musicais despertaram interesses nos jovens de aprenderem a tocar algum instrumento e, assim, tocar em alguma banda ou formarem a sua própria. O que se conclui que essas bandas formam, portanto, um antecedente do rock autoral de Cajazeiras.

### **2.1 Semana universitária**

A Semana Universitária, uma associação de alunos independentes da cidade de Cajazeiras, surgiu por volta dos anos 1960 e durou até o final dos anos 1980. Essa associação promovia, uma vez por ano, uma semana de cultura com vários eventos como recitais de poesias, exposição de arte, competições esportivas, conferências, teatro, cinema no tanto no período diurno como noturno; durante à noite ocorriam bailes

temáticos, sempre se encerrando a semana com bandas de reconhecimento nacional, como The Fevers, Os Trepidantes, “Renato e Seus Blues Caps” e etc. As emissoras de rádio da cidade sempre transmitiam os eventos da Semana Universitária, e os bailes temáticos geralmente aconteciam no Tênis Clube de Cajazeiras, um dos principais clubes da cidade.

Na figura abaixo a programação da semana universitária do ano de 1964.



O Tênis Clube também era palco de um evento tradicional: o Festival Regional da Canção, que durou aproximadamente 18 edições até os anos 90, evento em que a banda *Conspiração Apocalipse* pela primeira vez fez apresentações públicas, concorrendo a uma classificação. Vale destacar que na época essa banda adotava ainda o nome de “Páginas Amarelas”. Foi para esse evento que a banda compôs sua primeira música autoral. A banda “Páginas Amarelas”, no ano de 1989, utilizou esse nome só para defender uma música no festival, foi uma inspiração das “páginas amarelas”, da Revista Veja, que queria dizer que o grupo tinha a atenção voltada para a política e a sociedade. De 1990 até os dias atuais é como Apocalipse que a banda cria uma consistência, e passa a compor mais músicas próprias, deixando de tocar cover e se apresentar somente com músicas autorais.



A seguir as bandas dos anos 80 que influenciaram o surgimento do Rock no Alto Sertão paraibano e algumas curiosidades, atentando especialmente para aquelas que faziam contestações sociais, visto que em Cajazeiras as bandas *Conspiração Apocalipse*. Futuramente nos anos 2000 influenciados pelo *Conspiração Apocalipse*, *Arlequim* juntamente com a *Apocalipse* foram as principais bandas da “cena local”, atual e em suas letras nota-se igualmente o tom de crítica social, tornando várias de suas músicas protestos políticos<sup>12</sup>, cujos temas vão desde a crítica ao consumismo, às classes sociais e à violência.

## 2.2 - Conspiração Apocalipse

### Influências

Gilberto Álvares natural da cidade Umari no Estado do Ceará nasceu em 8 de outubro de 1958. É o vocalista e autor da maioria das canções compostas do repertório do grupo. No momento atual se diz ter gosto variado em relacionamento ao universo da música e ideologias. É pintor e trabalha na área da construção civil, mas relata que, apesar de ser eclético detesta protocolos e se diz que não é influenciável, tem a sua própria personalidade. Tem vasta experiência e participação em festivais de música, no qual foi vencedor e obteve classificações em diversas edições, toca teclado, violão, mas no palco além do vocal, assume a guitarra base.

Elinaldo, “Naldinho” Braga, ocupa o contrabaixo e é membro responsável de fundar a banda. Nasceu em Cajazeiras – PB em 10 de setembro de 1963. Começou tocando um instrumento chamado ganzá, se dedicou a aprender a tocar um instrumento de cordas até que assume o posto de contrabaixista da banda. Naldinho é professor da Universidade Federal de Campina Grande – Centro de Formação de Professores/ campus de Cajazeiras). Atuando na sua formação na área de Língua Inglesa e é pesquisador da cultura popular, produtor e apoiador das orquestras de Pífano da região da Bacia do Alto Piranhas, publicou recentemente um livro sobre o assunto. É membro de outros grupos importantes, como o Tocaia da Paraíba, no qual onde explora músicas

---

1 “A fome impera em todo recanto  
O fascínio bélico em qualquer nação  
Junte-se a isto o fato de termos  
A sorte do mundo presa a um botão  
E mais...”

Música: Saga insana conspiração apocalipse

regionalistas tradicionais, e tem atualmente produzido músicas infantis. É coordenador do NEC (Núcleo de Extensão Cultura), estabelecimento ligado à UFCG campus de Cajazeiras, com consideráveis trabalhos promovidos na área da preservação da cultura e tradições populares nordestinas.

Segundo os próprios membros da banda, em entrevista concedida ao *Jornal Correio* em 20 de agosto de 1992, as influências musicais da Banda eram à época: "Raul Seixas, Caetano Veloso, Barão Vermelho, Beatles e Led Zepelin". Conforme as palavras da própria banda:

"Foi em 1989. No ar, os últimos fôlegos do que foi um período de extrema inquietude no panorama pop-rock nacional. A década de 80 nos deu Barão Vermelho, Capital Inicial, Ira, e Titãs, só pra falar de alguns. Tudo bem. Nada comparável à década de 70. Seria impossível igualar aquele caldeirão sonoro. Numa parada onde se encontram Novos Baianos, Casa das Máquinas e Tutti Frutti é sacanagem pensar em concorrência. Mas o fato é que, do seu modo, os caras de 80 chegaram e deram seu recado. E berraram tão alto que seu grito ecoou nos tímpanos de uma garotada enfiada neste Alto Sertão Paraibano. Não era bem uma banda. Parecia mais um bando desordenado de fãs desesperados para repetir a dose proposta por seus ídolos, mas sem sair de casa. O negócio era fazer barulho. E valia tudo. A regra era se virar com o que se tinha à mão. Violão era "fichinha". Se achava em qualquer esquina. Então alguém apareceu com um teclado. O resto ia de regional mesmo: chocalhos, ganzás e tambores. Mas o melhor mesmo é dar nome aos bois. Vamos a eles: Elinaldo "Naldinho" Braga, Gilberto Álvares, Junior Terra, Elizomar Filho, Ítalo, Jonhson e Eugênio "Batera" Nóbrega. (texto de Pacceli Gurgel fazendo a apresentação da banda.)" <sup>13</sup>

A banda Conspiração está sobrevivendo por quase três décadas num estilo de música com o bom e velho rock and roll. Suas músicas expressam seus sentimentos e os sentimentos dos jovens de toda uma nação, levando-os a pensar no que acontecia no mundo ao seu redor.

Segundo as pesquisas com os entrevistado, o rock em Cajazeiras começou a ter destaque no final dos anos 80, com um grupo de estudante do Colégio Diocesano Padre Rolim, que tinha interesse em montar uma banda de rock; um dos fomentadores para a formação da banda foi Elinaldo Braga (Naldinho Braga) que foi à procura de pessoas que tinham instrumentos musicais para formar a pretendida banda. Após ser formada, foi batizada, inicialmente, de "Páginas Amarelas", e tocava músicas *covers* do rock nacional. Em 1989 o grupo participou do Festival Regional da Canção realizado em Cajazeiras, um festival em que cantores ou grupos defendiam uma música para obter classificação e com isso divulgar o trabalho do vencedor. A banda "Páginas Amarelas"

<sup>13</sup> Texto de um Blog da Banda Conspiração Apocalipse: <http://apocalrock.blogspot.com/>

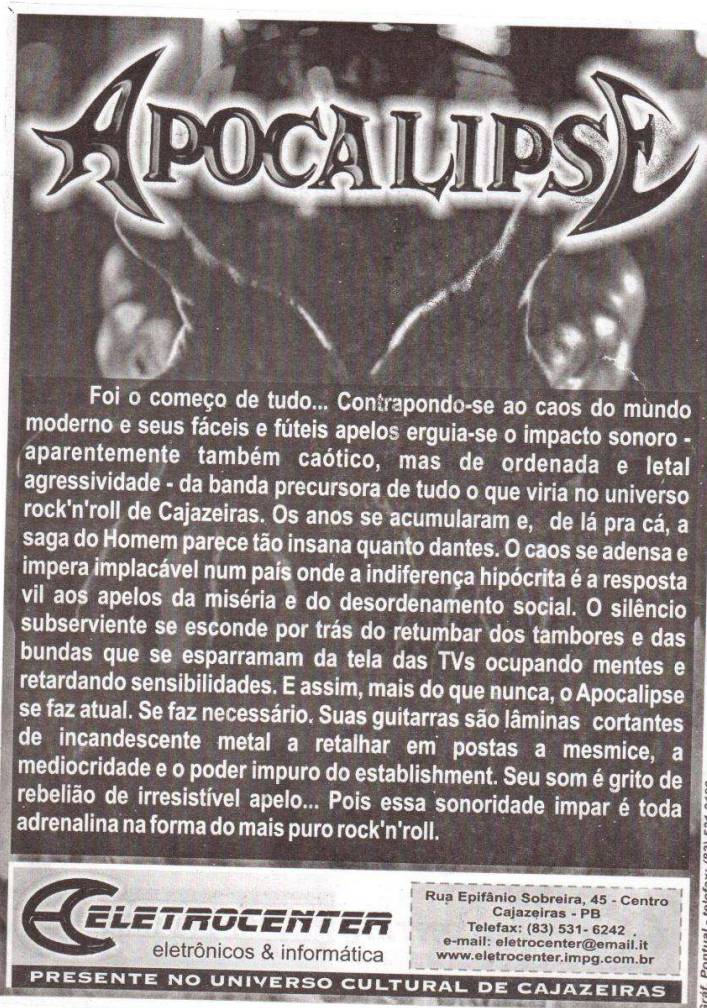
compôs sua primeira música cuja letra era de um dos seus integrantes: Gilberto Álvares e foi classificada no referido festival.

Com o nome de “Banda Plasma” (1990), o grupo fez somente uma apresentação no festival no Tênis Clube de Cajazeiras; com “Modus vivendi” a banda acaba tendo uma classificação e destaque na cidade. Com o passar do tempo, a banda muda de nome e passa a se chamar CONSPIRAÇÃO APOCALIPSE, agora com todas as músicas autorais, músicas que em sua letra contém questionamentos sociais e políticos. A banda “Conspiração Apocalipse” é considerada a primeira banda de rock não só de Cajazeiras, mas do todo Alto Sertão da Paraíba. Apesar de quase 30 anos de estrada, a banda ainda se apresenta em alguns eventos de rock na região de polarizada por Cajazeiras.



Imagem 02-Gravação do CD músicas autorais

Fonte: arquivo da banda, 2004.



**APOCALIPSE**

Foi o começo de tudo... Contrapondo-se ao caos do mundo moderno e seus fáceis e fúteis apelos erguia-se o impacto sonoro - aparentemente também caótico, mas de ordenada e letal agressividade - da banda precursora de tudo o que viria no universo rock'n'roll de Cajazeiras. Os anos se acumularam e, de lá pra cá, a saga do Homem parece tão insana quanto dantes. O caos se adensa e impera implacável num país onde a indiferença hipócrita é a resposta vil aos apelos da miséria e do desordenamento social. O silêncio subserviente se esconde por trás do retumbar dos tambores e das bundas que se esparramam da tela das TVs ocupando mentes e retardando sensibilidades. E assim, mais do que nunca, o Apocalipse se faz atual. Se faz necessário. Suas guitarras são lâminas cortantes de incandescente metal a retalhar em postas a mesmice, a mediocridade e o poder impuro do establishment. Seu som é grito de rebelião de irresistível apelo... Pois essa sonoridade impar é toda adrenalina na forma do mais puro rock'n'roll.

**ELETROCENTER**  
eletrônicos & informática

Rua Epifânio Sobreira, 45 - Centro  
Cajazeiras - PB  
Telefax: (83) 531-6242  
e-mail: eletrocenter@email.it  
www.eletrocenter.impg.com.br

**PRESENTE NO UNIVERSO CULTURAL DE CAJAZEIRAS**

Gráf. Pontual - telefax: (83) 531.3183

**Imagem 03** – panfleto apresentação da banda Conspiração Apocalipse

Fonte: acervo da banda.

### **a) Repercussão na Mídia local**

O Jornal Correio da Paraíba de 19 de agosto de 1992 registra a repercussão da chegada da Banda Apocalipse, do Sertão, na Capital, de acordo com a publicação: “Como se definem seus próprios músicos, a banda apocalipse tem dois anos de pura adrenalina, puro rock n’roll e muita energia. Influenciados por Raul Seixas, Caetano Veloso, Barão Vermelho, Beatles e Led Zeppelin, os jovens músicos do apocalipse dizem que a banda “ não é nenhuma alusão ao último livro da Bíblia; na verdade, é uma sátira, pois o apocalipse está presente em nosso dia a dia ”.

“A Apocalipse já tocou em outros festivais e em diversos movimentos políticos e sociais, insistindo em que nunca conseguiram nenhum apoio de órgãos competentes ligados a produção cultural. Seus músicos, não eram muito bem vistos pela elite pessoense. “Somos mais apreciados pelo pessoal do subúrbio, pela classe marginalizada da sociedade. Mesmo assim não vamos abrir mão do rock puro. Não queremos correr riscos de perder nossa identidade”. ”

Segundo o Correio da Paraíba de 30 de agosto de 1992 “- eles vêm de Cajazeiras (464km a Oeste de João Pessoa), abrem mesmo o verbo e tocam um estilo de rock recheado de revolta contra o sistema político vigente no país e no mundo. Em entrevista, os cinco rapazes da banda Apocalipse falam de seus propósitos e de sonhos. Muitos sonhos, inclusive o de transformar os festivais de música em encontros sem premiação. Igual polêmica é levantada pelo poeta Fabio Albuquerque, integrante do movimento “ POECODEBAR”, que contesta a utilidade da academia paraibana de poesia. Amanhã, começa em João Pessoa a mostra BNB- Nordeste no Cinema, que será realizada no Cine Bangüê do Espaço Cultural, até sexta-feira”.



**Imagem 04,05** Foto no Tênis Clube no Festival Regional da Canção 1989.

Fonte: arquivo da banda, 1989.

## **b - Letras de protesto**

Eleito em 1990, chegava ao governo da presidência da República do Brasil o primeiro presidente eleito depois de duas décadas de ditadura militar. Marcado por diversas denúncias de corrupção e catástrofe em seu plano de governo econômico, o atual presidente Fernando Collor não teve medidas para conseguir resolver a crise econômica, a administração Collor acabou envolvida em diversos escândalos de corrupção.

Nesse momento, a insatisfação com o governo Collor, agravada pelas denúncias de corrupção, fez com que diversos órgãos da sociedade civil, tais como a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), CNBB (Conferência Nacional de Bispos do Brasil) e, principalmente, a UNE (União Nacional dos Estudantes) e a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) se unissem para exigir ética na política e a abertura de processo de IMPEACHMENT contra o presidente do país. Os estudantes começaram a promover uma série de passeatas pelas grandes cidades do país. Nas manifestações, como os jovens pintavam o rosto com as cores da bandeira, o movimento veio a ser batizado de “Os caras-pintadas”. Com o crescimento desse movimento e a ampla cobertura dada pela grande mídia, o Congresso Nacional iniciou uma investigação para apurar as acusações.

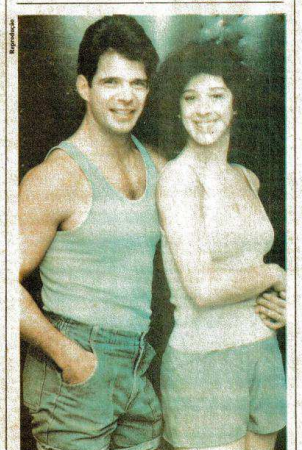
Após dois anos de mandato, começaram a surgir várias acusações nesse âmbito. O irmão do presidente, Pedro Collor, denunciou uma grande rede de corrupção, liderada por Paulo Cesar Farias (conhecido por PC), tesoureiro da campanha presidencial. Com a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), grande parte das revelações foi confirmada.

A mídia, diante da gravidade das denúncias, passou a dar uma ampla cobertura aos acontecimentos. Assim, iniciou-se uma campanha popular pelo IMPEACHMENT de Collor.

Pressionados pela opinião pública, deputados e senadores votaram pelo impedimento do presidente em 29 de setembro de 1992. Collor deixou o cargo em 2 de outubro para ser julgado no Senado Federal. Antes do julgamento final, o presidente renunciou ao poder em 29 de dezembro. Desse modo perdeu, além do mandato, seus direitos políticos por oito anos como previa a constituição.

Foi nesse contexto que a Banda foi recepcionada na capital paraibana. Como mostram as reportagens, em um clima de mudanças sociais e políticas, aparecia um "Rock do fim do mundo".

REVISTA da Tevé DEUS Nos AÇÚCAR



Pauco (Raul Gazolla) e Maria Escandalosa (Cláudia Reis)

Os escândalos da Rainha... Dery Gonçalves, Francisco Cluque, Glória Menegu...

CADERNO 2 Um rock do fim do mundo

Eles vêm de Cajazeira (até aqui a Cidade de João Pessoa), abrem micros e verboré e tocam um estilo de rock...

CADERNO 3 Brasil: protestos com fotos e nomes

Com os olhos pintados e vestidos de preto, muitos jovens, em todo o País, cantam de cor...

INDICE

Table with 2 columns: Page number and Page title. Includes sections like 1º Caderno, Política, Geral, Esportes, etc.

Collor reúne assessores e já admite a renúncia

O presidente Fernando Collor admitiu ontem, pela primeira vez, a possibilidade de acatar os repetidos conselhos de assessores e amigos para que renuncie ao cargo...

ALTERNATIVA TRANSICAO IMPEACHMENT

Itamar diz que não é preparado... Mariz quer a oposição sem cargos... Junqueira receberá relatório...



"HOMENS-PEIXE"

Os "homens-peixe" que moram no sítio Mulunguzinho, em Triunfo (515 km a Noroeste de João Pessoa)...

Ulysses é operado

Pouco mais de um mês depois de ter sofrido um acidente de trânsito, o deputado Ulysses Guimarães, 75 anos, submetido ontem a uma cirurgia que durou uma hora...



Uma aventura sobre rodas

O piloto belga Niels Kuisin, campeão mundial da Fórmula 1, por antecipação, largou hoje pela primeira vez na Pole-position...

Senna larga em 2º no acidentado GP belga

O piloto brasileiro Ayrton Senna largou em segundo e seus companheiros Maurício Gugelmin, campeão mundial da Fórmula 1...

Saddam escapa de atentado no Iraque

O presidente iraquiano, Saddam Hussein, escapou no final de junho de um atentado cometido por oficiais superiores próximos ao chefe de Estado...

Roteiros

A Tomba Turismo, uma das maiores agências de turismo de João Pessoa, volta a oferecer interessantes passeios e roteiros...

Ofertas

Na guerra de preços de mercadorias que ocorre no país, o CORREIO traz este domingo as melhores ofertas do Supermercado Jumbo...



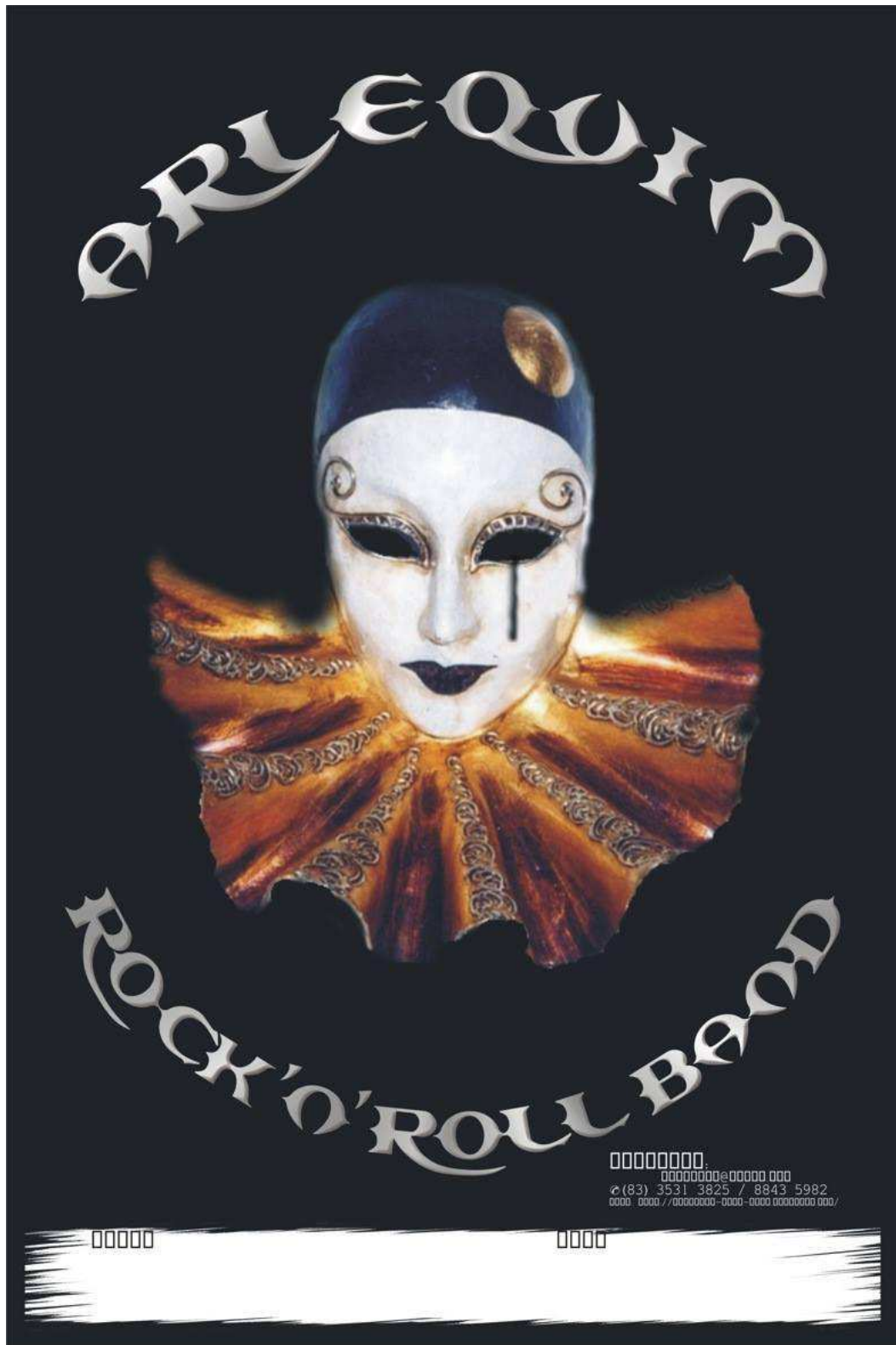
Fiat põe na praça a nova linha Uno 1993

Campeonato Paraibano tem 2 jogos na Loteca

Dois jogos do campeonato paraibano de futebol, que têm hoje a realização na 1ª rodada da 2ª fase do 1º turno, ligaram no teste desta semana...



### 2.3 Arlequim Rock Band



Outro grupo que merece destaque nesta pesquisa é a banda “Arlequim”. Assim como a “Conspiração Apocalipse”, apesar de ser uma banda mais nova, teve um público cativo na cidade, pois era um grupo que tinha bastante aceitação entre os jovens roqueiros e também por que estava a, exatamente, 10 anos desde sua primeira formação e atuava para o fortalecimento do rock em Cajazeiras.

O “Arlequim Rock Band” surgiu nos corredores da UFCG, Campus de Cajazeiras, no ano de 2006 e teve como seus fundadores o professor Paccelli Gurgel e o músico e estudante de História Diego Nogueira. A Banda Arlequim não priorizou no seu roteiro que todas as músicas fossem autorais, o repertório de suas letras são algumas versões (covers) e, principalmente, mesclagens de outras músicas já gravadas pelas bandas que a inspiraram e com algumas músicas autorais, que, segundo o líder da Banda, Diego Nogueira, eram “músicas que levavam a uma reflexão social, tentando enxergar os problemas que eram enfrentados pela sociedade”.

Ao analisar as canções de *Rock* de Cajazeiras no final dos anos 1980, conforme se propõe este trabalho, o que se tem a dizer desta análise é que existiam sim críticas e contestações sociais e políticas produzidas pelos sujeitos juvenis do período frente à situação estabelecida naquele período. Elas estão presentes no potencial das canções engajadas, ficando evidente nas letras, na sonoridade, no timbre de voz do intérprete e em tudo o que compunha o mosaico do *rock* brasileiro da década de 80, podendo-se observar traços de resistência e de crítica social contundente naquele momento político e econômico específico, pelo qual passava o país.

Diego Nogueira Dantas é o baixista do Arlequim, dividindo com Vandilson Lima, a voz principal. Também tocava violão e guitarra. Sobre sua iniciação musical disse ele: “Tive meu primeiro violão emprestado (confesso) com 17 anos e fui aprendendo por conta própria. Nessa mesma época integrei com uns amigos (colegas de Ensino Médio) um grupo de rock, fazendo cover de artistas e bandas nacionais no CEFET-PB/UNED Cajazeiras (atual IFPB), tocando contrabaixo. A banda mostrava seu trabalho em pequenas apresentações no próprio CEFET. Sou um amante da música sem fronteiras, seja ela qual for. Mas muito atinente ao Rock n’ Roll, não só enquanto estilo musical, mas também enquanto “atitude”, ou “Modus Vivendi”, nas palavras do “apocalíptico” poeta Gilberto Álvares.”

Vandilson é acadêmico do curso de Ciências Contábeis pela UNPAR. Trabalha como Analista de Suporte Help em TI na empresa AM3 Soluções, na mesma cidade, no ramo de informática e tecnologia. Geverson Heutman é o baterista do Arlequim. O Arlequim dos tambores é acadêmico de Pedagogia na Faculdade São Francisco, em Cajazeiras. Atua profissionalmente na Secretaria do Orçamento Democrático do Estado da Paraíba. Jefferson Bezerra trabalha no NEC e é o atual tecladista da banda.



## MANIFESTO


Arlequim... O nome é mais que apropriado. O "Arlechino" é um personagem que remonta ainda aos fins da Idade Média, quando a "Comedia Dell'Arte" envolvia multidões nas feiras. De forma satírica, desfilavam pelo palco os desajustes de uma época, os conflitos entre as classes sociais além da teia de sentimentos e sensações onde se debatem homens e mulheres.

Do vasto elenco da "Comédia", o "Arlechino" se sobressai. Vestido em retalhos, ele incomoda e deturpa... Engana e é enganado. Em momentos, é a vítima... Em outros, o carrasco. Em momentos, chora... Em outros faz chorar. O "Arlechino" da "Comedia Dell'Arte" é, portanto, o reflexo de todos nós...

E assim é a proposta do Arlequim Rock'n'Roll Band. Nossa música é formatada em retalhos de todas as cores e nuances. E tinha de ser assim. Mais que um estilo musical, o Rock'n'Roll é uma constelação de formas e matizes. Talvez exista somente uma "atitude rock". Mas - musicalmente falando - é engano pensar em um único Rock'n'Roll. A performance do Arlequim Rock'n'Roll Band pretende demonstrar essa variedade de formatos... Podemos levar você a mergulhar no mais profundo de si próprio através da harmonia misteriosa do Rock Progressivo... Mas de imediato lhe resgatamos para o ambiente festivo, óbvio e descomprometido do Rockabilly... É possível expor toda a rigidez do Punk Rock, para logo então contrasta-lo com a flexibilidade do New Wave... Baixo e guitarras podem gritar com a violência dos "overdrives" abertos, emoldurada pela marcação impactante da bateria. Mas é provável, na seqüência, ouvir o mais delicado timbre "clean" conduzido por uma marcação percussiva discreta e suave... Afinal, somos o Arlequim e suas mil personalidades.... Somos o Palhaço e sua negra e ácida lágrima que se derrama por somente um lado de sua face. E lembre-se que, confortavelmente, nos vestimos de retalhos...

O Arlequim Rock'n'Roll Band é:

**Samara F. Gurgel:** guitarra, violão nylon flat cutway e backing vocal.  
**Diego Nogueira:** baixo, violão (convencional e folk), voz.  
**João Neto:** bateria e backing vocal.  
**Pacelli Gurgel:** guitarra, violão (convencional e folk), flautas, voz.  
**Pompeu:** apoio



**ELETOCENTER**  
informática

INCENTIVANDO A CULTURA NO ALTO SERTÃO

eletocenter@netlinepb.com.br

**(83) 3531-6242**

Rua Epifânio Sobreira, 45 - Centro - Cajazeiras - PB

Gráf. Pontual - (83) 3531.3183

**Imagem 08-** manifesto Arlequim.

Fonte: acervo da banda, 2006.

## 2.4 Cenas Atuais

Agora destaque-se o cenário das Bandas atuais e as que vêm surgindo ultimamente e que mantém viva a chama do Rock no Alto Sertão:

**“Epidemia tipo 5”** - Começou no ano de 1999 com Arijunior, Romeu, Hodair, Riwsen e Junior. Segundo relatos dos jovens “Na brincadeira, a turma gostava de beber e de preparar um tira gosto daí surgiu o nome do grupo de “Batendo a Chepa”, mas com esse nome nunca a banda nunca se apresentou, depois o grupo teve a ideia de mudar o nome para “Epidemia”, foi quando começaram a tocar no “Música Urbana”, NEC, Cajá Rock e no Carnaval de Cajazeiras, na praça do Rock, tradicional evento dos apreciadores do estilo, tocaram em 2003 e 2007. Como tinha muita banda com o nome “Epidemia” foi acrescentado para “Epidemia Tipo 5”.

**“Comportamento Zero”** - A banda formou em abril de 2004 na cidade de Cajazeiras Paraíba. Os seus primeiros integrantes era formada por: Rominho (guitarra), Romeu (bateria), Novinho (baixo), Saul (vocal), porém houve uma mudança com os componentes da banda, saíram Rominho e Romeu, e entraram, por um curto período de tempo, Luciano (vocal), DP (baixo), Novinho (guitarra), Saul (bateria). Com essa formação, a banda tocava somente em ensaios sem apresentação ao público, logo após Saul sai da banda e cria um projeto com Vandenberg para formar um grupo diferente do qual estava participando, deixando a banda comportamento zero para formar a banda “Escaravelhos”, com a ideia de resgatar os clássicos do rock nacional dos anos 80.

**“Baião de Doido”** - Em meados do mês de dezembro de 2003 surgiu a banda “Baião de Doido”. Resolveram explorar uma sonoridade que relatasse um pouco da existência de práticas e da cultura nordestina. Assim como outros grupos musicais, se viu também a ideia de oferecer um estilo diferente de rock, que existia na cidade de Cajazeiras, o estilo da banda foi misturar o baião estilo musical regional com o rock hardcore. A banda priorizou por composições autorais, entre seu repertório também tocavam covers, a ideia da banda era mesclar o rock com o regionalismo e em suas letras retratar a realidade local, expressando suas inquietudes política e social do Nordeste,

principalmente a do Alto Sertão. A banda apresentou-se em alguns lugares e eventos locais. A estreia da banda em palcos ocorreu no dia 15 de maio de 2004, depois apresentou-se no 7º, 8º, 9º e 10º Cajá Rock, também no programa “Rock Contra a Fome” da ASCAR – Associação Cajazeirense de Rock –em Cajazeiras, na Praça Alternativa do Rock no Carnaval de 2005 apresentaram na divulgação do programa.

## **Público**

Falou-se das bandas que compõem o cenário do Rock na cidade, mas falta ainda uma palavra sobre o público e os locais em que se encontram os apreciadores e os músicos locais. Foi perguntado para os foliões do Carnaval de 2017 o que eles pensavam sobre a “cena Rock” da cidade, bem como o que, na opinião deles, faltava para o “movimento” ser potencializado. Parte do material está transcrito abaixo:

**Entrevistado A:** “O rock de Cajazeiras atual está muito difundido, por que está aumentando o público e a procedência é cada vez aumentar mais. Estou muito contente com o rock n roll da cidade, falta mais patrocínio, mais incentivo, porque do jeito que está o negócio está funcionando além do que imagino. O rock n roll é um modo de você se expressar e falar tudo o que você sente e o que a sociedade passa hoje em dia, que é o modo de você falar a verdade independente de qualquer forma que eles pensem e que não possam te bloquear”.

**Entrevistado b:** “O rock de Cajazeiras precisa sair da cadeira de rodas, para ver se o movimento melhora. Na minha concepção, a praça do rock no carnaval está sendo aqui em frente a Telemar, poderia ser no meio da muvuca, foi bom ter vindo esse carnaval para aqui, mas precisa melhorar muita coisa: a estrutura está boa, mas precisa estar perto do povo, o povo precisa ver que o Rock n’Roll não é o que dizem: é maconheiro, é drogado não, as músicas têm letra”.

**Entrevistado C:** “O rock de Cajazeiras é um pouco lento, porque tanto falta incentivo da parte política e também dos próprios roqueiros, até porque eles não se reúnem para lutar e cada vez melhor, até porque a cultura cajazeirense não só a cajazeirense ,eles tem o rock como algo maldito, algo sujo, algo

negro até por que por causa das cores, então o que falta é isso aí, é as pessoas se conscientizarem que rock é uma música sadia e que as pessoas que tocam e que cantam são pessoas de bem, e que o meio político possa ver isso com um bom olhos. Rock é um estilo, tanto um estilo de música quanto um estilo de vida. Para mim se resume a isso”.

**Entrevistado D:** “Acho muito precariedade na produção dos eventos que a gente vê, que raramente tem evento assim, que antigamente a gente via foto do Xamegão, Leblon, Tênis Clube... hoje em dia a gente vê mais evento de rock no NEC, às vezes na Praça da Prefeitura, é bacana sempre ter show de rock, mas a gente percebe precariedade de som, palco, estrutura e tal, e é uma coisa que todo mundo reclama, reclama no sentido de construir uma crítica construtiva; a gente sempre fala disso , acredito que esse ano de 2017 a gente teve uma diferença muito grande porque na praça do rock quem pode vê, percebe que é um palco realmente considerável, um som muito bom, veio banda de João Pessoa para tocar, bandas de bom nível daqui de Cajazeiras, e o que eu acho da cena rock de Cajazeiras é que a gente tem que melhorar a questão de estrutura, unir mais as bandas, procurar pessoas que realmente estejam interessadas em montar um clube, ou remontar uma associação de rock que tinha aqui que era muito boa, e priorizar mais realizações de eventos que convoquem mais as bandas da cidade.”

### **1. Cena (locais de shows, periodicidade dos shows, média de público).**

O NEC/UFCG é o mais importante palco da cidade de Cajazeiras, responsável pela promoção de eventos periódicos, dando oportunidade para novas bandas, resgatando as tradicionais e foi quem deu novo caminho a essas ações culturais na cidade realizando coletivas de artes visuais, montagens de peças de teatro, feiras de artesanatos e as instruções musicais do Coral João de Deus. Eventos a cargo de estabelecimentos criados na cidade pela Coordenação de Extensão - COEX/UFPB, como Atelier de Artes visuais, a Escola de Teatro e o Núcleo de Artesanato que funcionou na antiga Estação de Trem. É no NEC onde ocorre a maioria dos shows de

rock da cidade, por ser um centro cultural e onde se realiza maior quantidade de eventos de rock em cajazeiras.

Dado o fato de Cajazeiras se localizar no Alto Sertão da Paraíba, a maioria da população tem o costume de apreciar as músicas regionais que tocam nas diversas Rádios locais, por isso a cidade não conta com clubes ou bares alternativos para o público rock, mesmo esse público sendo formado por um número razoável e que aumentam com o passar dos anos.

Apesar da cidade ter um público rock não há, por parte da iniciativa privada, uma oferta de shows. No mais das vezes, os eventos são realizados pelos próprios músicos ou pelo NEC. Os eventos de Rock têm sempre uma plateia satisfatória, como no Cajá rock, os shows no NEC, no Grito Rock ou, até mesmo, quando ocorre às vezes em praça pública ou no Carnaval. A dificuldade apresentada pelos frequentadores é para trazer bandas “de fora”, o que, evidentemente, tem um gasto maior. Dadas as condições financeiras da juventude do Alto Sertão, quando se fala em “pagar entrada”, o público já é bem menor; o entrevistado jovem “A”, se queixa disso e fala por que muitos vão por conta da quantidade de público e no rock que se cobra ingresso aqui na cidade o público é bem menor. A alternativa são shows apoiados pelas Universidades e pelos sindicatos apoiadores.

O “Coletivo Cutucar”, com o apoio da rede “Fora do Eixo” e “Fora do Eixo Paraíba”, promove no Carnaval o “Grito Rock Cajazeiras/PB” e vem sendo uma das maiores ações culturais para bandas independentes nesta época na cidade, e já que se realiza há 16 anos na Praça Alternativa do Rock no período carnavalesco, o que caracteriza o município por oferecer umas das melhores e mais bem produzidas alternativas aos festejos populares dessa época do ano.



# PRAÇA ALTERNATIVA Rock e Reggae

**COMEMORANDO OS 10 ANOS DE PURA MÚSICA ALTERNATIVA NO CARNAVAL DE CAJAZEIRAS.**

**Local: Rua Cel. Peba  
(Ao lado da caixa econômica)  
Data: de 13 a 16 de Fevereiro de 2010  
Horário: 22 horas**

Realização

**PREFEITURA DE CAJAZEIRAS**  
*Cidade melhor da cidade.*

**SECULT**  
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

**SÁBADO:**  
Baão d' Doido - Cajazeiras-PB  
Clamus - Fortaleza-CE  
Gauche - João Pessoa-PB  
Band - Eig - Canoa Quebrada-CE

**DOMINGO:**  
Epidemia - Cajazeiras-PB  
Nação Nativa - Nação Nativa-PB  
Parabólicos - Pacatuba-CE  
Efeito Cota - Carindó-CE

**SEGUNDA -- FEIRA:**  
Dona Zefinha - Itapipoca-CE  
Comportamento Zero - Cajazeiras-PB  
Dropper - Maracanaú-CE  
NoSikil - João Pessoa-PB

**TERÇA -- FEIRA:**  
Anelquim Rock'n'Roll Band - Cajazeiras-PB  
A posteriori - Juazeiro do Norte-CE  
Mariah - Campina Grande-PB  
Fundo Blanco - João Pessoa-PB

Parcerias

**Associação Cajazeirense de Imprensa (ACI)**  
DIRETORIA EXECUTIVA

**Centro Cultural Banco do Nordeste**

**ASCAR**  
ASSOCIAÇÃO CAJAZEIRENSE DO ROCK

Apoio Cultural:

**CANAL DA SORTE**  
Vendas Premiadas  
Assalto ao São Sorte

**Teia Digital**  
soluções em tecnologia

<http://www.teiadigitalpb.com/>

“Cajá Rock” é um evento tradicional da cidade. O primeiro Cajá Rock foi realizado no dia 13 de julho de 1997, na Associação Cajazeirense de Imprensa (ACI) e, desde então, vem acontecendo ano a ano, influenciando a realização de outros eventos e festivais de Rock no Sertão da Paraíba, além da formação de bandas em toda a região.



# APOCALIPSE ARLEQUIM

09 12

NEC

AS BANDAS APOCALIPSE E ARLEQUIM SE UNEM NOVAMENTE NO PALCO DO NEC, PRA CONTAR UM POUCO DA HISTÓRIA DO ROCK DE CAJAZEIRAS.

DIA 09/12 - 20:00H - NEC

Destaque-se agora a opinião dos membros das bandas de rock sobre as primeiras apresentações de rock e de como eram as atividades no começo de tudo.

**A relação da banda com o público como era, e percebe que você quis passar uma mensagem ideia?**

“Sim, e dentro das limitações do próprio território que a gente habita: o sertão Paraibano fazer ROCK aqui já é uma heresia, digamos, assim; inclusive foi uma coisa que teve várias discussões internas dentro da banda que era a questão de fazer a música autoral, ou fazer o sucesso com a música alheia, e eu sempre defendi a coisa de fazer a música, usar a música como nossa expressão, porque cantar cover, essas coisas que virou um modismo danado, inclusive foi muito polêmico na estrada da banda da gente, lá em João Pessoa, eu briguei muito por isso e acho que colhia muitos frutos no auge da banda, por exemplo, nós cantava aqui nas ruas e o pessoal acompanhava cantando as letras, havia identificação, claro, que não havia ideia inicial da banda e nem foi realidade, por exemplo, o mercado fonográfico etc. a gente queria era se expressar, registrar um trabalho e isso foi bem aceito pelo pessoal daqui”.

No trecho dessa entrevista com Gilberto Álvares, integrante da banda Conspiração Apocalipse, ele nos fala sobre uma certa dificuldade de fazer rock no Sertão, pois as pessoas curtiam o ritmo regional, mesmo assim Cajazeiras tinha um público rock, e a banda Conspiração Apocalipse cantava músicas autorais para expressar suas ideias e inquietudes.

**Na sua opinião o que você tem a dizer sobre o Rock de Cajazeiras?**

“Bem, eu continuo achando que o Rock de Cajazeiras, uma cidade essencialmente Roqueira... eu fui objeto de homenagem um dia desse aqui e eu saldei a turma nova, claro! São gerações diferentes, são pensamentos diferentes, mais ainda... por cima eu sinto, eu vejo que existe é um espírito de batalhar dentro de trincheira do Rock, são estilo diferenciado, quer dizer que o nosso estilo é mais avó, digamos o Rock tradicional, e tem vários estilos hoje. Então querer classificar o Rock como estilo, e nós vamos passar de mais de oitentas tipos, mas cada um dentro de sua trincheira; e cada um com seu valor, uma estrutura que eu respeito muito, não estou muito antenado com a coisa nova que rola dentro da cidade, mas sempre escuto e gosto da turma nova.

**E tem alguma música do repertório de vocês que especifica que faz crítica à sociedade, quanto a crítica social da música ou são todas a exemplo do filho do caos?**

Sim. Cada música tem uma história, não tem nenhuma música de nosso roteiro, do nosso repertório que seja uma coisa dissociada de algum questionamento. Eu acho que existe uma grande mescla de questionamento filosófico existencial, espiritual, político, social e econômico etc. Todas elas têm sempre um conteúdo mesclado, mais especificamente, surge de um fato determinado, como você citou, filho do caos, por exemplo, que é sobre os meninos de ruas. Eles têm sempre uma temática mãe e os derivados são outros questionamentos.

Chega-se à conclusão de que a banda “Conspiração Apocalipse”, após seu novo rosto de fazer músicas autorais, nunca quis fazer um rock gratuito, tocar somente por prazer, mas sim de reivindicar, de transmitir suas ideias, contestar a sociedade em que se vive.

### **Jovem A**

**E as primeiras bandas daqui quem começou a fazer um som assim mais parecido com o que vocês queriam?**

“Bom... banda... banda mesmo assim de projeto foi as “Páginas Amarelas”, que depois se reuniram para formar a banda, aí decidiram tocar num festival da canção que era um festival tradicional daqui, pois até então só era tocado MPB, forró esse tipo de coisa e, de repente, os meninos foram lá e transgrediram, assim... apresentaram o rock, e depois disso outras bandas foram surgindo. Surgiu a banda Comportamento Zero, a Epidemia, a Danos Morais, a TDK e foram surgindo... surgindo, mais a primeira banda mesmo foi “Páginas Amarelas” que depois passou a se chamar “Plasma” para um festival e, depois, assumiu o nome definitivo de “Apocalipse”, e só veio mudar para “Conspiração Apocalipse” depois que gravou o CD, e descobriram que tinha uma banda Apocalipse lá em São Paulo; inclusive vi um show dela lá em Moji Guaçu, um festival que teve lá... tive o prazer de conhecer a banda, os caras são muito bons! Aí tiveram que mudar. Foi igual a minha banda, também tivemos que mudar, teve uma outra banda de forró aí tivemos que mudar para a nossa”.

Assim se tem o relato de um jovem do final dos anos 80 para início dos anos 90, de ser testemunha de como surgiu o rock de Cajazeiras, as primeiras bandas que apareceram no cenário rock local.

**Você tinha a percepção dos resquícios da ditadura, da ditadura de 1964 que não tinha acabado direito ?**

“Sim, com certeza, a galera aqui veio se acordar para o mundo, meado da década de 90. Sabe, a polícia aqui era muito, agredia do nada, era muito brusca assim de tratamento com a gente; com outros segmentos também como a dança de rua, que na época tava surgindo e passavam por isso, ou seja, qualquer pessoa que tivesse uma forma diferente de agir, que não fosse os playboyzinho que ficavam na Praça João Pessoa, que ficavam no Play Boy Drinks ou no Alvorada, no Sabor da Terra ou em outros cantos eram tidos como marginais, porque não estavam participando daquilo dali! É tanto que a nossa turma, quando chegava na Praça João Pessoa, a polícia já ficava de olho, e a gente descia pelo lado pobre da Praça João Pessoa, você descendo pelo calçadão para o balde do açúcar; do lado direito era a ala dos ricos, na metade da calçada que dividia para o lado direito, era dos ricos; e na metade para cima, na esquerda, era pobre, e a praça fervia! Era muita gente, e a gente quando descia pelo lado dos pobres, a gente caminhava assim... com nosso visual, a galera já ia afastando a gente. Chegava em frente ao prédio, que hoje é um edifício em frente ao calçadão, que vai para a igreja Nossa Senhora de Fátima, a gente tinha um banquinho lá para sentar e ficávamos de frente, olhando para um pessoal que estava sentado como se fosse encarando. Eles iam se levantando e a gente ia sentando e empurrando, aí a galera toda sentava. Aí também tem um problema: a gente para namorar era difícil, porque as meninas queriam se chegar, mas tinham medo porque eles diziam: “Aí é os doidos do rock! E os doidos do rock... não sei o que meu pai diz que não podia chegar não. A gente sofreu muito, rolou muito namoro escondido por conta dessas coisas. Era bem interessante”.

Jovem B

**Os locais em cajazeiras que rolavam o Rock?**

“Na verdade, não existiam muitos locais em Cajazeiras. Começou, na verdade, no Sabor da Terra. Na verdade, nessa época, nem existia música ao vivo nos locais, nos bares, nos

ambientes não tinham ainda música ao vivo. Tudo começou no Sabor da Terra. A gente lançou o restaurante, inaugurou e começou a trabalhar com os músicos. Os músicos locais mesmo, daqui em Cajazeiras... foi quando fomentou, naquela ocasião, muitas bandas de garagem a exemplo do Cabeça Chata, a exemplo da banda Tdk era uma banda formada por colegas também, a exemplo da banda Apocalipse que, na oportunidade, mais inicialmente o ponto de partida de tudo. A primeira banda mesmo que formou, que na verdade era uma banda de rock, mas era uma banda de rock ala tropicália, porque tocava outras coisas, tocava Caetano Veloso, tocava outras músicas na época... era a banda Páginas Amarelas, uma banda que deu o pé inicial, o boom inicial foi essa banda, inclusive ela surgiu com uma apresentação de Praça Pública, na Praça, na Avenida Presidente João Pessoa, no antigo bar Alvorada que movimentava a praça. Os principais ambientes da praça da Avenida Presidente João Pessoa e, naquela época, era o “point da cidade”, onde as pessoas, à noite, saiam pra ir a algum lugar, o lugar que as pessoas iam eram para a Praça João Pessoa, as pessoas iam desfilarem na Praça João Pessoa, as pessoas iam para o Bar Alvorada, as pessoas iam curtir a Avenida Presidente João Pessoa. Cajazeiras ainda não tinha esse funcionamento de dispersão, assim, de vários ambientes funcionando ao mesmo tempo em lugares distintos, não! Cajazeiras tinha os points, mas era muito focado aqui no centro na cidade e especial na Avenida Presidente, onde ficava o Jovem Club, o edifício OK, onde ficou ainda por muito tempo instalado e funcionou por vários anos a boate Chapéu de Couro; também tinha um repertório excelente de rock, de música pop, de MPB e isso foi formando as pessoas, a própria influência também dos professores universitários da UFCG, quando chegaram em Cajazeiras e começaram todo esse entrosamento. Cajazeiras, na verdade, já era vanguarda, já vinhas os grandes festivais de músicas, o Festival Regional da Canção, já vinham do Festival de Arte que aconteciam aqui; e Cajazeiras tinha essa coisa diferente... Cajazeiras já tinha um cenário diferente, diferente de outras cidades circunvizinhas; eu posso falar de Sousa, de outras cidades. Eu costumava brincar com alguns colegas e dizer: “Olhe o movimento Tropicália veio e Cajazeiras abraçou, mas ela pulou Sousa e várias cidades e vai chegar em João Pessoa, e Cajazeiras sempre foi uma cidade diferente, sempre teve umas pessoas que gostavam de coisas diferentes, coisas boas, de cultura, de arte, de teatro, e essa época foi uma época muito movimentada, então o Sabor da Terra foi o palco, foi a cena de todas essas bandas! Na noite, a noite de Cajazeiras funcionava com a música, com o rock local aqui no Sabor da Terra, nessa encruzilhada aqui pode dizer os quatros cantos do Sertão, tem os quatros

cantos lá em Recife, mas aqui também tem que é a Travessa Joaquim de Sousa com a rua Epifânio Sobreira. Então, aqui foi muito movimentado, teve muitas gerações que curtiram Bob Marley, curtiram Led Zeppelin, curtiram Pink Floyd, curtiram Paralamas do Sucesso, curtiram Lobão, curtiram, enfim, todo aquele leque de músicos de bandas de excelentes qualidades, e que formaram as gerações e gerações de músicos bons, beberam nessa fonte e foram buscar conhecimento na música e, exatamente, curtiam essas coisas boas que as rádios também ofereciam nessa época. Hoje não, hoje a coisa tende a tomar um outro ponto. Assim é triste falar nisso, por exemplo, quando a UFCG chegou aqui, ela tinha essa coisa, esse comprometimento dos professores, a cabeça das pessoas já se enquadrava com as daqui de Cajazeiras, no sentido do gostar, do querer fazer com que as pessoas se formassem e gostando de coisas boas também, porque, na verdade, é passar somente pela academia, como a gente chama, que é passar pela Universidade, isso não é suficiente, isso não é o suficiente! Eu acho que quando se forma um ser humano, ele forma em todas as suas dimensões, a dimensão de mundo, de querer saber das coisas; o que existe de alternativo, de bacana, de inteligente, saber do mundo, então você tem que ser uma pessoa formada, mas formada em todos os aspectos, não é só você se formar no que você está sendo letrado; a formação passa de um princípio muito mais amplo... Então, Cajazeiras tinha essa oportunidade, ela gerava essa oportunidade para aquelas gerações que estavam ali; as rádios, elas tocavam coisas boas, tinham ... existiam programadores de rádio com cabeça diferente, pessoas inteligentes, como a exemplo de Wilson Vilar, de Luís Vilar, o próprio Gutenberg Cardoso; então, essas pessoas, de fato, contribuíram também nesse sentido de com que fazer, quando surgiu a FM a Patamutê FM, ela tinha uma programação belíssima, hoje não, hoje se você for escutar o rádio, dá vontade de desligar! Na verdade, é qual a rádio dessas daqui que tá formando alguma pessoa? Que tá contribuindo para o futuro, para a formação acadêmica de algum jovem, de alguma formação artística ou musical de algum músico de Cajazeiras? Nenhuma delas! Elas entraram na linha do modismo, nessa música de plástico que tá aí acontecendo, que não arca nada, que não contribui pra nada, que só faz falar de sexo, de droga, de ficar, sabe... de coisas que exatamente não tem a ver com as mazelas sociais que esse mundo novo, certo, que está aí nesse mundo novo, na verdade! Elas chegaram, eles esperavam que elas não chegassem aqui no interior, mas elas já estão aqui há muito tempo, e as pessoas não se tocaram disso ainda.”

### **As rádios tocavam músicas com temas sociais e políticos?**

“Com certeza! Até mesmo quando se faziam as edições dos festivais da canção de Cajazeiras, a música local, a música autoral local, passava, eu lembro, um mês inteiro tocando nas rádios as músicas que eram classificadas no Festival Regional da Canção; o rock dos anos 80 tocava muito nas emissoras de Cajazeiras, principalmente, na Patamuté FM, que foi a primeira FM que se instalou na cidade e que tinha, na época. Interessante isso, ela tinha o projeto chamado Som na Praça, que fez uma homenagem a Cazuzá, que fez uma homenagem a Fred Mercury, isso em praça pública, você imagine com que força com o que isso acontecia! Que além daquela coisa, existiam os covers, as pessoas que imitavam esses artistas, então tinha todo um fomento paralelo ao momento que se vivia que era essa música de qualidade dos anos 80”.

### **Como você vê o rock de Cajazeiras atualmente?**

“A gente sabe que de lá para cá houve um processo de transferência, claro! Não houve na média que a gente imaginava o que aconteceria, de muitas bandas se formarem ao longo dos anos que se passaram, mas foi interessante porque hoje temos bandas novas na cidade que exatamente surgiram por conta desses movimentos que aconteceram antes, como a exemplo da Baião de Doido, a exemplo da Arlequim, a Escaravelhos e outras e outras bandas, que fizeram exatamente, que seguiram esse processo de se manter, e Cajazeiras tem essa tradição de bandas de rock em Cajazeiras”.

Ao fazer a análise das entrevistas desses dois jovens, percebe-se, ao confrontar as duas entrevistas, que existiam distinções sociais entre os jovens roqueiros. Segundo o entrevistado jovem A, ele descreve que o local de ponto de encontro dos jovens ricos era na Praça João Pessoa; enquanto os pobres ficavam na parede do Açúde Grande discutindo sobre banda, trocando revistas de assunto rock. Ele ressalta também que o Bar Alvorada, o Sabor da Terra eram locais para os ricos que curtiam rock. Ou seja, uma verdadeira divisão de classes sociais entre os próprios roqueiros.

O entrevistado, jovem B, descreve que o Bar Alvorada e o Sabor da Terra eram os “point’s” do rock da cidade no final dos anos 1989, vemos uma diferença de ideias, mas uma aproximação do fato dos locais que aconteciam a cena rock local. Portanto, foi interessante à menção dos locais citados pelos jovens entrevistados onde se discutiam

ideias, rock, política e sociedade, pois fica registrada a tendência cultural desses mesmos em forma de contribuição histórica para os sujeitos interessados no assunto.

“A reconstrução da história torna-se, ela mesma, um processo de colaboração muito mais amplo, em que não profissionais devem desempenhar papel crucial. Ao atribuir um lugar central, em seus textos e apresentações, as pessoas de toda espécie, a história se beneficia enormemente. E também se beneficiam, de maneira especial, as pessoas idosas. Um projeto de história oral, mais do que lhes proporcionar novos contatos sociais, às vezes, levar a amizades duradouras, pode prestar-lhe um inestimável serviço. Muito frequentemente ignoradas, e fragilizadas economicamente, podem adquirir dignidade e sentido de finalidade ao rememorem a própria vida e fornecerem informações valiosas a uma geração mais jovem. (THOMPSON,1998, P.33) ”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não temos a pretensão de considerar que esta pesquisa está totalmente encerrada, pelo contrário, para nós, ela é apenas o início de uma trajetória; e é desejo nosso continuar pesquisando o Rock de Cajazeiras.

Cajazeiras, apesar de ser localizada no interior, ou seja, no Sertão Paraibano e a cena regional ser bastante rica e forte culturalmente, percebo o porquê da figura de linguagem “Cajazeiras, terra da Cultura”, por se identificar, além do rock, com outros estilos musicais, com grupos de danças, teatro, poesias, arte plástica etc. Cajazeiras pode ser considerada uma terra multicultural onde acontecem vários eventos artísticos. Mas, infelizmente, a cidade precisa de mais incentivo tanto dos governantes como do apoio da população.

As canções roqueiras transmitiam, através de suas construções, uma mensagem política de uma juventude politizada que reivindicava seus direitos e liberdade de expressão, parecia que era impossível lutar contra o regime, mas a união da população foi um avanço para conseguir a volta da democracia.

Dentro de tantos desalentos, o rock figurava para muitos jovens como a forma de comunicação mais direta para manifestarem seu pensamento, inclusive contra a situação brasileira. Não é por acaso que as letras do rock oitentista são marcadas pela simplicidade, pela ausência de metáforas e figuras de linguagens, pela ironia e até mesmo pelo escracho, mas elas retratam e pincelam óticas que nos permitem interpretar como os jovens se viam e se sentiam em relação à vida nacional do período, porém não sem consonância com amplos segmentos da juventude brasileira.

O Rock está, quase sempre, ligado à crítica que se fazia à política, à cultura e ao comportamento, daquela época, porém trazem reflexões sobre a produção da vida material, ou seja, as letras das músicas são uma forma do sujeito expressar a sua ideologia e essa forma de expressão está fortemente ligada à história cultural.

Este trabalho propôs analisar como o Rock dos anos 80 no Brasil e, especialmente em Cajazeiras, contribuiu para a crítica social e o comportamento jovem à época. Ele influenciou a juventude não só no comportamento, mas também de abrir suas mentes, para que passassem a enxergar o mundo de outra forma. E foi no período

da redemocratização do país que a geração dos anos 80 passou, então, a expressar, através da música, seus pensamentos em relação à política, à corrupção e o modo de viver da sociedade.

Cajazeiras acompanhou o que acontecia em âmbito nacional, não se isolou. Surgiram grupos que reivindicavam seus direitos através da música, levando os jovens roqueiros a sofrerem influências em seus comportamentos, como forma de não aceitar a corrupção, a violência imposta pelos governantes, de criticar, apontar e colocar o dedo na ferida das mazelas da sociedade civil e militar.

O rock tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos. (HOBBSAWN, 1995, p.323).

Assim, o Rock foi uma bandeira de luta utilizada por jovens que estavam cansados de tantas injustiças sociais e culturais. Seu grito, sufocado há tempos, veio através das letras de suas músicas e da rebeldia de seu comportamento.

## REFERÊNCIAS

- AMANDA, Helena Lisboa da Silva. **Legião Urbana: Crítica social e rock nos anos 80 e 90**. Universidade Federal da Paraíba.
- BIVAR, Antonio. *O que é punk*. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Col. Primeiros Passos-76).
- BOSCATO, Luís Alberto de Lima: vivendo a sociedade alternativa: **Raul seixas no panorama da contracultura jovem**. Tese de Doutorado em História Social, apresentada a FFLCH/ USP São Paulo 2006.
- BUENO, Zuleika de Paula. **Leia o livro, veja o filme, compre o disco: a produção Cinematográfica juvenil brasileira na década de 1980**. / Zuleika de Paula Bueno. – Campinas, SP: 2005.
- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais de Juventude**. 14. ed. São Paulo: Moderna, 1995.
- BRYAN, Guilherme. **Quem Tem Um Sonho Não Dança** – Cultura Jovem Brasileira nos Anos 80. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CALADO, Carlos. **A Divina Comédia dos Mutantes**. São Paulo: editora 34, 1996.
- CARMO, Paulo Sergio do. **Culturas da rebeldia**. São Paulo: Senac, 2003
- CHACON, Paulo. *O que é rock*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).
- COSTA, L. C. A. e MELLO, L. I. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Scipione, 1999.
- DAPIEVE, Arthur. **B Rock: O Rock Brasileiro dos Anos 80**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed.34, 2005.
- DO CARMO, Aline Rochedo. **Os filhos da revolução, A juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980**. Dissertação (Mestrado) -Universidade Federal Fluminense, 2011.
- DEMARCHI, André Luís Campanha. **Legionários do rock: um estudo sobre quem pensa, ouve e vivea música da Legião Urbana** / André Luís Campanha Demarchi. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2006.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. **“Brasil mostra a tua cara”:** rock nacional, mídia e a redemocratização política (1982-1989) / Paulo Gustavo da Encarnação. Assis, 2009

FLAMARION, Ciro Cardoso, VAINFAS Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll: uma história social.** 2. ed. Trad. A. Costa. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GUIMARÃES, Felipe Flávio Fonseca. **Do surgimento do rock à sua difusão pelo mundo** [manuscrito] : a apropriação do rock no Brasil através das versões de meados da década de 1950 a meados da década de 1960 / Felipe Flávio Fonseca Guimarães. – 2013.

HOBBSAWM, Eric J., 1917-

**História social do jazz** / Eric J., Hobsbawm; [tradução Angela Noronha]. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLANDA. H. B. de. **Impressões de viagem:** CPC, Vanguarda e Desbunde: 1960/1970. 5ªed. Rio de Janeiro: Aéropiano, 2004.

JAQUES. T de L. **Comunidade rock e bandas independentes de Florianópolis:** um a etnografia sobre socialidade e concepções musicais. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

LOIS, Maika Carocha. **A censura musical durante o regime militar (1964-1985).** História: Questões & Debates, Curitiba, n. 44, p. 189-211, 2006. Editora UFPR

MÜHLSTEDT, Lidiane, “GERAÇÃO COCA-COLA”: **AS REPRESENTAÇÕES DA JUVENTUDE E DO SEU COMPORTAMENTO NO POP/ROCK DOS ANOS 80.** Universidade Federal do Paraná, CURITIBA 2004

MUGGIATI, Roberto. **Rock: o grito e o mito.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

NAPOLITANO, Marcos: **História & música – história cultural da música popular /** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OSTERNO, Maria do livramento rios, **A canção engajada nos anos 80: o rock não errou.** Dissertação (pós-graduação) Universidade Federal do Ceara –UFC. Fortaleza 2009

PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60. Rebeldia, contestação e repressão política.*

4 ed. São Paulo: Ática.

PRADO, Gustavo dos Santos: **A JUVENTUDE DOS ANOS 80 EM AÇÃO: MÚSICA, ROCK E CRÍTICA AOS VALORES MODERNOS.** Revista **desenredos** - ISSN 2175-3903 - ano III - número 10 - Teresina - Piauí – julho agosto setembro de 2011.

RAMOS, Eliana B. **Rock dos Anos 1980: A Construção de uma Alternativa de Contestação Juvenil.** Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo, PUCSP,2010.

*Revista Ágora, Vitória, n.10, 2009, p.1-20. Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock.*

RIBEIRO, Érica Magi1. **Fora dos palcos: relações entre o rock brasileiro e A crítica musical nos anos 80.** Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom.

ROBERTO, José Silveira. **Renato Russo e Cazuza: A poética da travessia.** Universidade Federal de São João Del Rei.

ROCHEDO, A. do C. **“Os filhos da revolução” A juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980.** Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense-UFF ,2011.

ROSZAK, Theodore. *A Contracultura. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil.* 2 eds. Petrópolis: Vozes, 1972.

RODRIGUES, Marly. *O Brasil da Abertura: De 1974 à Constituinte.* São Paulo: Atual, 1990.

SANTOS, Rafael J. *A publicidade e a representação da juventude.* Um estudo sobre os mecanismos da produção publicitária. Dissertação (mestrado em Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas,1992.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral.* Rio de Janeiro: Paz e terra,1992

TINHORÃO, J. R. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 1998. 365p

TRINDADE, Luane Nunes; e RANGEL, Carlos Roberto da Rosa: **ROCK: CULTURA POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS**, **Série:** Ciências Humanas, Santa Maria, Santa Maria, v. 13, n. 1, p. 95-111, 2012.

ULHÔA, M. T. **Nova História, Velhos Sons: Notas Para Ouvir e Pensar A Música Brasileira Popular**. **Debates** (UNIRIO), Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 78-101, 1997.

VINICIUS, Sérgio de Lima Grande. **O Impacto do rock no comportamento do jovem**. Universidade Estadual Paulista. UNESP

ZEMANOVÁ, L. **A vida e a obra de Caetano Veloso na época do tropicalismo**. Tese de Doutorado da Universidade de Masarykova, 2009.

Sites:

[http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/diretas\\_ja.htm](http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/diretas_ja.htm)

<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/117/118>

filme:

JUVENTUDE transviada. Direção: Nicholas Ray/Stewart Stern. Warner, 1955, DVD (111min.), NTSC, color. Título original: Rebel Without a Cause.

Documentário:

Botinada: A Origem do Punk no Brasil, Duração: 110 minutos Direção: Gastão Moreira  
Ano: 2006 – Brasil Gênero: Documentário, dirigido por Gastão Moreira (jornalista e ex-apresentador da MTV Brasil e do programa “Musikaos” da TV Cultura)

Raul- O Início O Fim e o Meio, **Direção:** Walter Carvalho. **Roteiro:** Leonardo Gudel  
**Produção:** Pablo Torrecillas, Rodrigo Castelar; **Fotografia:** Lula Carvalho  
**Duração:** 115 min., **Ano:** 2010, **País:** Brasil

**ANEXOS**

Entrevista jovem A

**Como você poderia descrever o que é ser Roqueiro ?**

Cara roqueiro da própria essência do surgimento do estilo é a questão de atitude você ter atitude transgredir algumas questões, mais não transgredir de uma forma violenta mais sim de uma forma de atitude, de opção de ser contrario ao que a sociedade ao que o sistema capitalista prega desde sempre, e em 54 a história surgiu assim isso antecedeu muito também em 54, mas foi mais ou mesmo isso assim uma forma de atitude e coragem de transgredir buscando o melhor através do Rock ele tem essa essência.

**Por ser Roqueiro você se sentiu marginalizado essa atitude essa rebeldia que a postura do Rock prega?**

Cara de mais porque a galera do rock sempre foi discriminada, e é tanto que é uma forma de transgressão visual, a forma de agir a forma de ser aquela coisa meio brusca de reagir a algumas questões que a sociedade vem impor, e aqui em Cajazeiras mesmo a gente sofreu muito, a gente quando em 88 quando a gente surge num rock assim do tipo desde o rock nacional, entrando para o metal porque naquela época você curtir a cultura curtir sepultura, você curtir Obidoel, Encart, Entombet banda muito pesada de Trash, Have metal ate bandas de Develmetal como Vendon entre outras então a gente sofreu muito porque nosso visual era outro a gente usava cabelo grande, camisa sem manga, mandamos fazer tatuagens, camisa de banda, só andava de preto a calça era rasgada e a gente mesmo rasgava com gilete com vidro e tal, usávamos coturno, boina da policia que era para transgredir e criar os próprios conflitos com a policia, não de partir para a agressão física mais assim de impor um respeito e transgredir uma sociedade, que para eles ser diferente já era ser drogado era todos maconheiro a galera não usava droga , então o que usávamos era tomar conhaque, ai em cima do balde do açude que hoje é conhecido como Leblon, certo e fazendo disputa de cuspe e distancia como a escadaria, Para transgredir a galera coisa de gurizão mais curtindo metal com uns radinhos tal umas fitas cassete a gente tínhamos muitos depois e que viemos conhecer vinil era transgredido desta forma.

**Você como jovem da época porque ser roqueiro por que você decidiu o primeiro contato com o rock por que você decidiu ser roqueiro?**



Cara quando eu comecei curtir Rock mesmo foi em torno de 84, 85, a gente criança mesmo com 10, 11 anos e 9, 10, 11, anos a gente tínhamos umas turmas aqui do centro na praça João Pessoa na Higino Rolim nessa rua da feira da fruta então éramos um grupo de amigos, Agnaldo Cardoso que trabalhava na noventa e quatro 94 FM e com isso tinha um programa e rolava muito rock lá, lá tinha um acervo muito grande de LPS de rock então a gente tínhamos muito acesso a isso, Agnaldo mesmo trazia os vinis ou então a gente comprava as fitas cassetes, comprava uma fita Bass de 60, 70, 90 minutos ai ele gravava para a gente LPS inteiro como do Pink Floyd, e do D' cure e outras e outras bandas e tal trazia para a gente e ficávamos nessa, o nonato também foi uma influencia da época porque tinha muita coisas boas, do Punk ai eu conheço depois Jeck Metal, Jonne Merel e a galera ai foram me apresentando o Metal ai eu já conhecia alguma coisa mais a parte mais pesada conheci com eles ai de 84 ate 90, foi esse ápice na minha vida de curtir o Rock desde o rock o setentista a te o rockabilly ate o Metal foi ate 90.

**Mas como que chegava essas coisas era uma galera que viajava trazia tinha uma radio tinha um bar tinha algum lugar que tocava, como que as pessoas descobriram o que estava acontecendo fora?**

Bom primeiro a gente tinha um contato com o Rock da Rock brigueide, chegava uma ou duas Rock Brigueide aqui em Cajazeiras na banda de Diana era uma troca de tapa propriamente dita para se comprar a revista sempre que conseguia comprar era eu ou Jeck ou outro cara da galera quem chegasse primeiro comprava, como eu morava na Praça João pessoa e a banda dele ficava na praça João Pessoa eu já pedia a ela eu passava ela falava olha vai chegar hoje pela tarde ai eu não avisava a ninguém, já corria lá e comprava a minha com isso formos estudando o Rock Brigued, e tinha os endereços la era na época da carta a mão ainda escrevia a cartinha e pedia tal a camiseta do Wentobert, a camiseta do Sepultura nova, ai saiu um trabalho uma fita cassete do show do sepultura em São Paulo, e ai a gente conseguiu comprar essa fita fizemos um racha pagamos o frete e tal, e quando chegou aqui fizemos a copia para todo mundo que queria e tal e assim foi se espalhando a revista do mesmo jeito um xerocava e dava para todo mundo ler a nossa casa era tudo cheia de poste da Rock Brigueid, depois surgiu a Biz não era muito legal mais tinha algumas matérias legais, ai agente comprava as vezes, e a tripé algumas revistas que foram surgindo assim a gente foi se apegando a isso. Os endereços que pegávamos ai trocávamos ideias com a galera de Brasília com a

galera de São Paulo de João Pessoa da banda shopping e outras bandas de João Pessoa então a gente fazia essa troca de informação, mandava a fita mais os selos dentro da carta eles mandava depois, a fita gravada e íamos fazendo assim pela distancia, ou então a galera ia para São Paulo ia para outros locais trazia também vinil ou fita camiseta e tal.

**E as primeiras bandas daqui quem que começou fazer um som assim mais parecido com o que vocês queriam?**

Bom banda, banda mesmo assim de projeto foi as paginas amarelas para que depois se reuniram para formar a banda ai decidiram tocar num festival da canção que era um festival tradicional aqui pois ate então só era tocado MPB, forro esse tipo de coisa e de repente os meninos foram lá e transgrediram assim apresentaram o rock e depois disso outra bandas foram surgindo surgiu a banda comportamento zero o Epidemia, o danos Morais ,a TDK e foram surgindo, surgindo, mais a primeira banda mesmo foi paginas Amarelas depois passou a se chamar plasma para um festival e depois assumiu o nome definitivo de Apocalipse, e só veio mudar para Conspiração Apocalipse depois que gravou o cd e descobriram que tinha uma banda apocalipse la em São Paulo inclusive vi um show dela lá em Moji Guaçu um festival que teve lá tive o prazer de conhecer a banda os caras são muito bons ai tiveram que mudar foi igual a minha banda também tivemos que mudar teve uma outra banda de forro a tivemos que mudar para a nossa.

**Ai você presenciou as primeira bandas de rock de Cajazeiras essas bandas que surgiram as primeiras influenciavam no comportamento de vocês no comportamento de vestir de pensar também as bandas de Cajazeiras faziam isso como as outras bandas que vocês escutavam nos anos 70?**

E cara assim, por exemplo, o Apocalipse nem tanto e porque nossa questão de visual de estilo da época a gente não foi baseado neles mais a gente curtiá por ser a primeira banda de rock já que eles faziam algo bem diferenciado que chamavam de rock mais dentro da linha de tempo do rock eles estavam seguindo uma linha do hard rock que era algo bem diferenciado e era a primeira banda de rock do interior da Paraíba, e uma das primeiras do sertão do nordeste, acontecia algo que em Juazeiro, Campina não tinha nada formado ainda, em João Pessoa e que tinha algumas bandas e tal, mais assim as outras bandas após apocalipse essas sim surgiram com o que a gente passava para

eles certo, e até porque o comportamento zero era uma banda que foi influenciada pelo apocalipse mais já se influenciou mais pelo lado do Metal e o Epidemia já foi para uma linha mais Punk coisas que a gente colocava muito discutíamos muito sobre a questão do punk o danos morais do mesmo jeito era uma linha mais punk, e as influências foram assim no que a gente vivia no dia-a-dia curtíamos o som conhecíamos a galera todinha era uma galera mais periférica certo assim do bairro da Esperança uma galera que não tinha acesso né, a galera do Rock tinha mais acesso financeiro procuravam mais a gente mesmo que éramos muito ligado a questão da periferia então eles se ligavam muito na gente isso a gente mostrou.

**Então queríamos que você tentasse lembrar assim se para vocês e naquela época tinha resquícios ainda da ditadura esse comportamento se essa tentativa de transgredir ainda significava um movimento político de oposição ao regime militar ainda a gente lembra aquela época ainda tinha delegacia de menor então os caras ficavam andando e Kombi vendo a molecada nas mesas, essa tentativa de transgredir de usar camisa preta cabelo grande coturno mesmo no lugar onde fazia muito calor se isso tinha uma forma de transgressão política social também queria que você falasse sobre isso?**

Sim tinha pelo seguinte, eu particularmente na minha casa a gente ligava o rádio para ouvir a difusora e na radio Cajazeira difusora sempre rolou muito Luiz Gonzaga, Raul Seixas, esse tipo de coisa e quando começava tocar algumas músicas que eu começava a querer cantar, que eu gostava meu pai já, ei meu filho cuidado se não a policia vai lhe prender, ai umas duas a três vezes conheceram daquele fusquinha com um copo de Ki suco em cima passar que era a viatura de cajazeiras que na época era o fusquinhas com o copo de Ki suco em cima aquela viatura bem antiga e então a gente tinha esse medo, mais pós 85 com o retorno da democracia, e quando foi em 88 mais ou menos no colégio Estadual de Cajazeiras eu estudava lá e conheci uma galera e a gente curtindo o metal, então a gente conheceu o movimento estudantil então começamos a fazer movimento estudantil e fomos nós os roqueiros que participavam do movimento estudantil em suas grande maioria que organizou as manifestações de Cajazeiras pelo fora Collor, então a gente sempre teve essa linha política ligava a linha política com o movimento Rock e de transgredir geral, e de inicio fomos conquistando espaço perdendo alguns também por questão do visual, mais fomos para congressos nacionais congressos da USP congresso de reunificação da USP em 93 lá em São Paulo e é outros

congressos Goiânia em Minas Gerais na Bahia viajou muito conheceu muita coisa assim muita gente boa que no Metal, do Rock que atuava nesse movimentos e tal eu era filiado os PC do B desde 91 e quando surge o PC do B aqui e se reorganizou em 91 ai entra se filia apesar que eu tinha 15 anos na época mais assim que completei 16 anos tirei meu titulo e me filiei ao partido e um ano depois eu já estava fazendo parte do diretório principal do partido aqui depois eu vim assumir a presidência do partido, e isso ajudou muito nessa questão política de politização e nosso movimento sempre foi muito politizado, e por conta dessa influencias do partido comunista da UJS e de outras coisas ai depois e que a gente parte para a parte cultural mesmo e porque em 97 eu já organizo o evento Cajá Rock, o primeiro Cajá Rock de 97 já com uma linha de que era um evento de que era um evento político para transgredir mesmo a questão de algumas políticas que estavam faltando na cidade, ou seja a merenda escolar outras coisas então a gente fez isso ai para ajudar um professor do colégio Estadual que estava adoentado e não tava tendo assistência do estado então a gente fez uma campanha, o Cajá Rock foi arrecadando alimento e dinheiro e a gente passou para ele para ele fazer o tratamento.

**E esse gesto como que era o relacionamento com a policia militar na época se a policia tratava de um modo diferente se as pessoas porque usavam preto que eram Roqueiro e tal se o pessoal realmente usava droga ou era só boato como era esse roles?**

Bom claro que no meio da galera do Rock tinham aqueles que usavam fumava maconha e tal esse tipo de coisa, a gente não a gente era mais ligado a questão do álcool mesmo certo, nos tínhamos uma turma que era chamada a turma altar de sacrifícios essa turma um dos seus lemas para se entrar na turma era você usar droga, não uso não então ta aceito, o que você curte de Rock curto isso e isso, e do Metal do Sepultura veio do que surgiu quando quais forma os trabalhos que ela fez ou seja tinha essa linha, e então uma das normas do altar do sacrifício era não pode usar drogas, a droga que você vai usar no Maximo era fumar o cigarro normal careta como se diz e tomar uma era isso que podia, e a nossa relação com a policia era a seguinte quando nós chegávamos com nossos visuais de alguns eventos por exemplo teve um evento aqui no Cajazeiras Tênis Clube que era uma festa normal um baile que ia ter lá era uma banda e que geralmente essa banda tocava alguns Rock que era líder som então ela veio fazer um show e a gente sempre gostava de ir porque ela tocava alguns Rock e tal e a gente estava com um blusão normal preto ou branco ou outras cores mais não tinha nada só que tinha uns que

tinha cabelo grande já, usavam basqueteira na época a calça normal ou rasgada e ia para esse festa quando chegou de frente ao Tênis clube a policia nos parou nos corrigiu eu tava com uma carteira de cigarro no bolso, carteira de hollywood ou era derby na época sei lá eles tiraram, rasgaram a carteira estava lacrada tinha acabado de comprar tiraram a carteira derrubaram todos os cigarros cheiraram de um por um e um policial deixou em cima do capu do carro ai eu chamei o sargento, sargento por favor o que isso, ele falou não o que o seu policial pegou meu cigarro e jogou aqui em cima cheirou não tem nada, e ta aqui como e que vai fazer não você guarda eu guardo não o senhor quer que eu vá lá em casa e peça para meu pai chamar meu tio e quem e seu tio e Renée Moesia do cartório a eu já sei a amigo apanha ai guarde ai, então eu tive que usar a questão de família ele viu que eu não era um asilado, e meu tio era dono de cartório era um advogado era uma pessoa da sociedade e ate a forma da gente conversar também ai foi que ele liberou a gente mais falou olha não pode ficar aqui muito tempo aglomerado não, a gente foi na porta ai comprou o ingresso e entrou mais era essa teve caso deles pegar chegar revistar e querer implantar baseado na galera para dizer que estávamos fumando maconha e tal, e é teve ate um amigo meu que passou por isso foi parar na delegacia ainda ai agente foi lá conversou com o delegado explicou os pais dele foi lá também que eram pessoas de bem, a mãe era enfermeira o pai era trabalhador e tal, ai mostrou que era uma perseguição que a gente fez uma denuncia a um policial e esse policial nos perseguia passou a nos perseguir direto.

**Ai você acha que tinha resquícios de ditadura assim aquele resto a ditadura de 64 que não tinha acabado direito?**

Sim com certeza a galera aqui veio se acordar para o mundo meado da década de 90 sabe a policia aqui era muito, agredia do nada era muito brusca assim de tratamento com a gente, com outros segmentos também como a dança de rua que na época tava surgindo e passavam por isso, ou seja, qual quer pessoa que tivesse uma forma diferente de agir que não fosse os playboysinho que ficavam na praça João Pessoa que ficavam no playboy drinks ou no Alvorada no Sabor da Terra, ou em outros cantos era tidos como marginais, porque não estavam participando daquilo da li e tanto que a nossa turma quando chegava na praça João Pessoa, a policia já ficava de olho e a gente descia pelo lado pobre da praça João Pessoa você descendo pelo calçadão para o balde do açude do lado direito era a ala dos ricos na metade da calçada que divide para o lado direito, era dos ricos e na metade para cima na esquerda era pobre e a praça fervia era

muita gente, e a gente quando descia pelo lado dos pobres a gente caminhava assim com nosso visual a galera já ia afastando a gente chegava em frente ao prédio que hoje é um edifício em frente ao calçadão que vai para a igreja Nossa Senhora de Fátima, a gente tinha um banquinho lá para sentar e ficava-mos de frente olhando para um pessoal que estava sentado como fosse encarando eles iam se levantando e a gente ia sentando e empurrando aí a galera toda sentava aí também tem um problema a gente para namorar era difícil porque as meninas queriam se chegar mais tinham medo porque eles diziam aí e os doidos do rock e os doidos do rock num sei o que meu pai diz que não podia chegar não a gente sofreu muito rolou muito namoro escondido por conta dessas coisas era bem interessante.

## Jovem B

Boa tarde os alunos em especial as UFCG de Cajazeiras e especial a você falar do rock em Cajazeiras é bem interessante por que na verdade tudo começa com várias figuras da cidade que naquela época, naquela ocasião gostavam de música na verdade, então Cajazeiras tinha naquela oportunidade um movimento alternativo pessoas de vanguarda, e movimentava a cena cultural na área musical, e muitas pessoas influenciadas até mesmo pelas rádios locais, que antigamente tinha suas excelentes programações, devo dizer que a rádio teve um papel importantíssimo nessa formação, eu lembro que, por exemplo, tinha um programa chamado Sextas Marginais e quando chegava as sextas-feiras se aproximando ao final de semana na sexta-feira as pessoas vestiam de preto para escutar as Sextas Marginais e iam beber iam curtir se juntavam com amigos e colegas para fazer suas farras mas sempre curtindo as Sextas Marginais, por que tinham pessoas que estavam a frente desse programa que tinha uma cabeça voltada para as questões culturais e para a música de qualidade para música que realmente faz sentido.

## **Os locais em Cajazeiras que rolavam o rock ?**

Na verdade não existiam muitos locais em Cajazeiras, começou na verdade no sabor da terra, na verdade nessa época nem existia música ao vivo nos locais, nos bares, nos ambientes não tinham ainda música ao vivo, tudo começou no sabor da terra, a gente lançou o restaurante inaugurou e começou a trabalhar com os músicos, os músicos

locais mesmo aqui em Cajazeiras , foi quando fomentou naquela ocasião muitas bandas de garagem a exemplo do cabeça chata, a exemplo da banda Tdk era uma banda formadas por colegas também, a exemplo da banda apocalipse que na oportunidade, mas inicialmente o ponto de partida de tudo, a primeira banda mesmo que formou, que na verdade era uma banda de rock mas era uma banda de rock ala tropicália, por que tocava outras coisas tocava Caetano Veloso tocava outras musicas na época era a banda paginas amarelas uma banda que deu o pé inicial o boom inicial foi essa banda, inclusive ela surgiu com uma apresentação de raça publica, na praça na avenida presidente João pessoa , no antigo bar Alvorada que movimentava a praça, os principais ambiente da praça da avenida presidente João pessoa e naquela época era o point da cidade, onde as pessoas a noite saiam pra ir a algum lugar, o lugar que as pessoas iam eram para a praça João pessoa , as pessoas iam desfilarem na praça João pessoa as pessoas iam para o bar alvorada as pessoas iam curtir a avenida presidente João pessoa , cajazeiras ainda não tinha esse funcionamento de dispersão assim de vários ambientes funcionando ao mesmo tempo em lugares distintos não! Cajazeiras tinha os points mas era muito focados aqui no centro na cidade e especial na avenida presidente , onde ficava o jovem clube o edifício OK , onde ficou ainda por muito tempo instalado e funcionou por vários anos a boate chapéu de couro também tinha um repertorio excelente de rock de musica pop, de MPB e isso foi formando as pessoas, a própria influencia também , dos professores universitários da UFCG , quando chegaram em cajazeiras e começaram todo esse entrosamento, cajazeiras na verdade já era vanguarda, já vinhas dos grandes festivais de musicas, o festival regional da canção, já vinham do festival de arte que aconteciam aqui e cajazeiras tinha essa coisa diferente , cajazeiras já tinha um cenário diferente, diferente de outras cidades circunvizinhas eu posso falar de Sousa de outras cidades. Eu costumava brincar com alguns colegas e dizer olhe o movimento a tropicália ela veio e cajazeiras abraçou mas ela pulou Sousa e varias cidades e vai chegar em João pessoa, e cajazeiras sempre foi uma cidade diferente , sempre teve umas pessoas que gostavam de coisas diferentes , coisas boas, de cultura de arte de teatro, e essa época foi uma época muito movimentada , então o sabor da terra foi o palco foi a cena de todas essas bandas, na noite , a noite de cajazeiras funcionava com a musica com o rock local aqui no sabor da terra, nessa encruzilhada aqui pode dizer os quatros cantos do sertão, tem os quatros cantos La em recife mas aqui também tem que é a travessa Joaquim de Sousa com a rua Epifânio sobreira, então aqui foi muito movimentado , teve muitas gerações que curtiram bob Marley , curtiram led

Zeppelin , curtiram Pink floyd, curtiram paralamas do sucesso , curtiram lobão, curtiram enfim todo aquele leque , de músicos de bandas de excelentes qualidades , e formaram as gerações e gerações de músicos bons , beberam nessa fonte e foram buscar conhecimento na musica e exatamente curtiam essas coisas boas que as rádios também ofereciam nessa época , hoje não , hoje a coisa tende a tomar um outro ponto, assim é triste falar nisso , por exemplo quando a UFCG chegou aqui ela tinha essa coisa esse comprometimento dos professores , a cabeças das pessoas já se enquadravam com as daqui de cajazeiras , no sentido do gostar , do querer fazer com que as pessoas se formassem e gostando de coisas boas também , por que na verdade é passar somente pela academia como a gente chama que é passar pela universidade com isso não é suficiente , isso não é o suficiente , eu acho que quando se forma um ser humano ele forma em todas as suas dimensões , a dimensão de mundo de querer , saber das coisas, o que que existe de alternativo, de bacana de inteligente saber do mundo, então você tem que ser uma pessoa formada , mas formada em todos os aspectos , não é so você se formar no que você esta sendo letrado a formação passa de um principio muito mais amplo , então cajazeiras tinha essa oportunidade , ela gerava essa oportunidade para aquelas gerações que estavam ali, as rádios elas tocavam coisas boas tinham , existiam programadores de radio com cabeça diferente, pessoas inteligentes , comoa exemplo de Wilson Villar de Luis Villar , o próprio Gutenmberg Cardoso, então essas pessoas d fato contribuíram também nesse sentido de com que fazer, quando surgiu a FM a patamute FM ela tinha uma programação belíssima , hoje não , hoje se você for escutar o radio da vontade desligar na verdade por que qual é a radio dessas daqui que ta formando alguma pessoa , que ta contribuindo para o futuro para a formação acadêmica de algum jovem, de alguma formação artística ou musical de algum musico de cajazeiras, nenhuma delas ! , elas entraram na linha do modismo, nessa musica de plástico que ta ai acontecendo que não arca nada, que não contribui pra nada , que so faz falar de sexo, de droga de ficar sabe de coisas que exatamente tem haver com as mazelas sociais que esse mundo novo certo, que esta ai nesse mundo novo na verdade , elas chegaram eles esperavam que elas não chegassem aqui no interior , mas elas já estão aqui há muito tempo e as pessoas não se tocaram disso ainda .

### **Você na época sofreu algum preconceito por curtir rock ,como as pessoas viam ?**

Mas a época era uma época engraçada , por que veja bem eu sempre gostei de musica e não so propriamente de rock, de musica desde um contexto bem mais amplo e



naquela oportunidade a gente usava brinco , fomos os primeiros jovens a colocar brincos , a fazer um corte de cabelo interessante a usar ate mesmo tamanco , e quando se fizeram tatuagem fomos os primeiros a fazer tatuagem e fomos extremamente criticados , as pessoas nos olhavam assim como se realmente nos fossemos uns drogados umas pessoas excluídas da sociedade . e engraçado e eu nunca nem gostei disso nunca fumei , nunca nem fiquei embriagado na vida , mas usei tudo isso sem nenhum problema , tanto que nessa semana eu me deparei com um fato interessante , eu tenho um filho de 11 anos e ele chegou para mim e disse pai eu quero colocar um brinco, ai eu disse rapaz isso é um problema serio , porque eu não posso me comprometer com essa situação de decidir ou não , por que eu sou todo comprometido com isso, ai eu disse resolva com sua mãe e depois ele retornou ai depois ele quis ficar com raiva fez aquela onda toda e ta ai venha cá peguei uma pistolinha e puf um brinco na orelha dele , eu entendo que isso não vai modificar ninguém , não vai sabe se não for trazer beleza outra coisa não vai fazer não existe maldade nenhuma nisso , quando na geração dos anos 80 , 90 as pessoas olhavam assim de forma meia estranha para isso , como a gente naquela época era considerada pessoas alternativas que pensava diferente que gostava de musica boa e curtia as coisas do mundo , estava sabe, estava ali nos colocando como mesa como prato predileto que era as coisas boas a musica boa, a musica de caio de frança a musica de Shangai , o rock progressivo enfim muita coisa boa nos foram colocados e como oportunidade de a gente poder escutar e fazer uma linha de pensamento de formar as nossas cabeças no sentido de dizer assim mas eu me formei gostando de coisa boa , aprendi que isso se informa as pessoas culturalmente e formam e a arte tem esse poder , de transformar de fazer com que as pessoas ate mesmo politicamente elas tenham um sentido mais correto de pensar eu acho que o caminho é esse enquanto a gente não conseguir fazer com que as pessoas , mesmo com esse trabalho a gente sabe que é difícil isso, mas se a gente não tiver as universidades se movimentando nesse sentido nos vamos esta ferrado por que , esse mundo novo é uma coisa uma velocidade muito, com que as coisas que ela acontece é muito rápida, então não da pra gente ficar parado e pensando em fazer, nos temos que correr atrás e ter que mostrar a essas novas gerações, o que de interessante a gente aprendeu.

**Qual era a relação com a policia, tiveram atrito ?**

Na verdade naquela época existia um contraponto muito forte em relação a policia , na época em que os Titãs lançaram policia para quem precisa de policia, todas as gerações alternativas não viam a policia com bons olhos na verdade , a gente sofria preconceito ate por que quando se é alternativo se é diferente as pessoas não olham com os olhos assim , olham diferente ate por que as pessoas estão acostumadas com o que é conservador , com o que é normal , normal no sentido no ver das pessoas por que para mim é tudo muito normal ,então é isso hoje a coisas caminham de forma diferente , as coias hoje estão muito soltas , as pessoas antigamente , existiam as drogas existiam mas as pessoas eram limitadas a fumar maconha , e maconha pra mim, eu acho que naquela época as pessoas que fumavam maconha viviam no céu e não sabiam , eu sei que da maconha você parte para as outra drogas naturalmente , mas não existiam essas outras drogas que causam uma dependência química muito mais violenta, a verdade é essa , então cajazeiras tinha essa coisa de cidade diferente , que exatamente quando as pessoas falavam a terra da cultura, mas fazia se valer isso , hoje não se pode mais dizer isso, naquela época sim a gente tinha grandes festivais em cajazeiras, festival de musica, o festival regional da canção ele existiu por 21 anos , não é 21 dias , eu mesmo projetei varias edições , organize varias edições no festival regional da canção de cajazeiras, por que já peguei o gancho exatamente das gerações passadas que organizavam , a gente conseguiu dar sequencia a isso esse é o processo de transferência que não esta acontecendo mais, na questão da arte e na cultura, os nossos conhecimentos para as novas gerações , esse processo tem um inter-rompimento a partir do momento em ate mesmo as universidades , quando se instalaram em cajazeiras elas não tiveram o propósito de aqui fazer com o que a educação e a cultura caminhassem juntos, a gente só entende que aqui as universidades vieram com o único propósito para ganhar dinheiro, somente, agora sim para dizer me mostre qual o referencial cultural que qualquer uma dessas universidades eu não vou citar nenhuma delas por que nenhuma delas tem um referencial, a UFCG ainda tem o NEC que na pessoa de Naldinho ainda fomenta aquele local , com arte , cultura , mas é pouco por que o grande lance o grande objetivo de fazer cultura é formar plateia . Ontem eu falava isso para um filho meu eu dizia olha o grande lance é formar plateia, é você sempre fazer as coisas pra pessoas diferentes, para bairros diferentes, para lugares diferentes onde as pessoas ainda não tiveram a oportunidade de ver uma boa musica, de ver um grupo de teatro se apresentando, um espetáculo de qualidade , essas pessoas ainda não tiveram essa oportunidade então so fazer a coisa acontecer num local só como a exemplo do NEC

ainda é muito pouco é muito pequeno por que , o Nec já funciona as pessoas que estão La já gostam disso, já são formadas nesse sentido, já absorveram esse conhecimento de gostar do que é interessante do que é bacana , mas e aí , eo restante da cidade e as pessoas que estão na zona periféricas , então o fazer cultural ele ta fincado exatamente nesse ponto de partida que é formar plateia , se você não consegue formar plateia então não é interessante , você não esta fazendo cultura eu acho que o grande lance hoje é você se tiver um publico pelo menos de 10 , 20, 15 pessoas ate mesmo 10 pessoas que nunca assistiram um musico bom se apresentando que nunca assistiram um espetáculo de dança contemporânea , que nunca assistiram um espetáculo sabe de teatro, essas pessoas sim , a partir do momento em que elas estão ali 10 pessoas ali sim o trabalho ta sendo feito sabe, a gente ta formando pessoa , a gente ta colocando na cabeça daquelas pessoas que existe a arte que existe a cultura, e que as pessoas podem gostar disso e podem participar disso.

### **De que forma você percebe as letras de rock com as coisa a sua volta ?**

Na verdade eu não so percebo as letras de rock eu acho que eu percebo tudo no contexto bem,por que a musica ela não tem fronteira , a musica é uma coisa que é engraçado , nos podemos ta curtindo aqui Chico amaro ou qualquer outro musico a aqui de casa um musico de pratica autoral , as musicas de naldinho , nos podemos ta curtindo aqui tocaia e podemos ta curtindo sabe Pink floyd que vem La dos states e tudo mais essa musica tem a mesma de certa a mesma proposta sabe de mudar as coisas de mudar de mostrar o que é interessante de mostrar que as nossas raízes são importante para as nossas formações, essa musica é bacana ela é propicia para a formação dos seres das pessoas , então a musica não tem fronteira você vai em busca das letras sabe as mensagens elas são interessantes por que elas mostram para as pessoas o caminho , o caminho do amor , o caminho das coisas interessantes o caminho da construção do lado social das pessoas, isso é muito bom , isso é muito bacana por que esse entretenimento é muito barato é a facilidade com que a musica chega nas pessoas, a musica boa e a musica de qualidade , eu não estou falando dessas musicas de plástico que esta i hoje não essa daí chega muito fácil, mas a musica mesmo, que traz uma mensagem de transformação de mudança , uma mensagem que socializa as pessoas , que mostra muitas vezes que o mundo nem sempre é o que a gente imagina ser , então é essa musica que nas suas letras em seu contexto vai contribuir exatamente para formação de cada pessoa de cada ser humano de cada adolescente.

### **As rádios tocavam musica com tema sociais e políticos ?**

Com certeza ate mesmo quando se faziam as edições dos festivais da canção de Cajazeiras, a musica local a musica autoral local, passava eu lembro um mês inteiro tocando nas rádios, as musicas que eram classificadas no festival regional da canção, o rock dos anos 80 tocava muito nas emissoras de cajazeiras, principalmente na patamute fm , que foi a primeira FM que se instalou na cidade e que tinha na época interessante isso ela tinha o projeto chamado som na praça, que fez uma homenagem a cazuza , que fez uma homenagem a Fred Mercury, isso em praça publica , você imagine com a força com o que isso acontecia que alem daquela coisa existiam os covers as pessoas que imitavam esses artistas , então tinha todo um fomento paralelo ao momento que se vivia que era essa musica de qualidade dos anos 80.

### **Como você ver o rock de cajazeiras atualmente?**

A gente sabe que de La para cá houve um processo de transferência claro, não houve na media que a gente imaginava o que aconteceria de muitas bandas se formarem ao longo dos anos que se passaram, mas foi interessante por que hoje temos bandas novas na cidade que exatamente surgiram por conta desses movimentos que aconteceram antes, como a exemplo da baio de doido , a exemplo da arlequim, a escaravelhos e outras e outras bandas, que fizeram exatamente que seguiram esse processo de se manter e cajazeiras tem essa tradição de bandas de rock em Cajazeiras.

### **Como você conheceu o rock pela radio, disco , bares, qual a primeira banda ?**

Na verdade eu acho que fui uma pessoa que fui privilegiada, por que quando surgiu o sabor da terra , era um espaço que funcionava e tinha frequência assídua de todos os professores que gostavam da vida boemia da universidade federal eles frequentava aqui com muita assiduidade aqui, então a exemplo de Zé panetinho, José panetinho tinha um gosto musical excelente , a exemplo de Eugenio Paccelli que andava e quase todos os finais de semanas , eles se encontravam e bebiam aqui no sabor da terra , curtiem os shows musicais aqui e tocavam também o Paccelli era musico , depois veio a influencia de outros gêneros musicais através do maestro Goberto Natecio , depois Ivan enfim, houve um intercambio na verdade com as instituições de ensino com os seus profissionais que vinham para cajazeiras morar em cajazeiras e se entendiam com nos músicos aqui, a gente pode dizer que não somos músicos letrados ,

mas músicos de dom natural, abraçamos essa galera e passamos também a sofrer essas influencias dessas pessoas desses professores que gostavam de muita musicas boas, e curtiam um leque de bandas de rock excelente, então todos eles traziam um antigo bolachão muitas vezes pra curtir aqui no sabor da terra , chegavam com um disco e pediam pra tocar , e depois La na frente foi quando começou a surgir o cd e as pessoas também traziam o cd para , que era uma novidade e começou a surgir os CDs novos das bandas , como o barão vermelho e ate mesmo outros estilos de musica alem do barão a musica alternativa, musica regional enfim foi uma movimentação muito intensa nesse período esses anos 80 anos 70, e a gente não tinha como absorver as coisas boas .

### **Lembra qual a primeira banda que ouviu ?**

Eu nasci gostando de música, muito interessante e depois que descobri as minhas origens em relação a musica , eu tinha um tio que era musico , que era instrumentista tocava violino, tocava bandolim, tocava violão de 12 cordas , tocava cavaquinho, e fazia parte da velha guarda daqui de cajazeiras dos músicos, meu pai tinha uma farmácia antes de tudo e eu pirralho já ouvia ele tocando aqui na farmácia e nessa época eu era muito amigo de Teodoro que era irmão de Rosenaide ,Rosenaide era o chamado famoso grigrilin , que era croner da banda super som 7 , e essas pessoas gostavam muito de musica então eu pegava as caixas de remédio da farmácia e fazia uma bateria , mas Teodoro que era irmão de Rozenaide , o grigrilin, e a gente brincava de musica dizendo que tinha uma banda, eu lembro que depois La na frente que eu encontrei um prato ,um prato de bateria só tinha um prato, e o prato rachado mas era a única coisa de verdade que tinha na bateria da banda, e a gente formava as bandas quando criança, brincava já de ser musico , então quando você é musico é interessante , que você já tem o dom natural você já nasce com isso , e depois comecei a perceber que , essa coisa de dom natural é interessante , quando se fala em tocar algum instrumento se você não tiver isso um ritmo , você não consegue fazer nada , não necessariamente para você ser musico que você leia partitura passe por uma academia seja letrado se forme em musica , não eu conheço enes músicos que são bons na sua forma de pegar um instrumento e desmanchar o instrumento e tocar muito , como o exemplo da família amaro , como outros e outros músicos que conheci, que gostam de musica e são músicos por que nasceram com esse dom natural isso é presente de deus podemos dizer.

### **O rock de cajazeiras influenciou no seu modo de pensar ?**

Com certeza por que logo La na frente se formou os paginas amarelas então essa formação exatamente entre eu com a ideia de Naldinho Braga , Gilberto Álvares que é da banda Apocalipse , Eugenio batera, que hoje chamamos de Eugenio que hoje é advogado e mora na capital, Eugenio e tinha outra pessoa que estava estudando em cajazeiras aqui numa oportunidade que era do ceara , que era ítaló então o ítaló era um dos guitarrista, Gilberto era guitarrista eu cantava e fazia percussão e Eugenio era o baterista e Naldinho era o organizador da banda na verdade, então essa foi a primeira formação de banda alternativa, banda de garagem em cajazeiras que era os paginas amarelas, depois dos paginas amarelas foram surgindo outras bandas , foram aparecendo outras bandas e a gente conseguiu fomentar todas essas gerações que de La para cá estão ai fazendo musica . O rock de garagem e ate assim eu entendo que essas pessoas merecidamente deveriam optar pela musica autoral isso é muito importante nesse momento a gente pensar nisso , ter essa contribuição de fazer a poesia e construir as musicas próprias , o rock tem que partir por esse caminho o rock de cajazeiras.

Entrevista de Gilberto.

Boa tarde, são 23/10 2016 estamos com o Senhor Gilberto ....., na qual passamos a entrevistar, Gilberto queríamos que o senhor pudesse relatar um pouco de como surgiu a banda conspiração apocalipse?

A Conspiração apocalipse essa denominação e bem posterior porque primariamente as gentes tinham outros nomes surgiu como paginas amarela teve uma época que era banda Plasma finamente apocalipse e claro que essa denominação ela surge ao longo da trajetória da banda e nessas formações e circunstancia a banda surgiu na verdade para a gente participar de alguns festivais e tinha uma turma nova por ai e eu entrei de gaiato depois se bem que apocalipse já fazia parte da banda.

**Mais assim vocês tinham alguma relação que nos anos oitenta (80) e conhecido como uma época de Tim bum do rock nacional principalmente assim chamado de rock de protesto ai a ideia de vocês tem alguma coisa a ver com os anos oitenta (80)?**

Talvez em partes porque a música profetaria eu sempre me utilizei a musica profetaria em MPB dependente do gênero rock roll já disse na cabeça de influencia do pessoal protestava contra a ditadura etc e tal os bichos gêmeos da própria cultura e na

verdade quando eu encontro a banda eu já estava numa faixa etária de idade mais adiantada do que a dos membros iniciais da banda que eram os mais jovens esses sim na verdade sofreram e uma influencia do nacional legião urbana plebe rude, capital inicial barão vermelho etc. eu não eu escutava mais rock roll mais tradicional a nível nacional um Raul seixas Rita Le mais não eram muitos Titans não era muitas essas coisas não essa semiose do Rock nacional já vem acontecer sobre a influência da meninada que a gente se cruzou e passou a se fazer um rock desse tipo a minha influencia como compositor num deu muito a esse estilo dos anos oitentas (80) não do rock brasileiro esse influencia foi mais pela turma mais nova.

**Mais a sua influencia de quanto letrista você poderia definir o que seria? Bandas?**

Sim poderia diria o seguinte e um leque muito vasto para definir numa possibilidade só primeiro que eu acho que assim eu sempre tive o rock como uma musica de atitude basicamente uma musica revolucionaria profetaria e a eterna inquietude que move a juventude nunca foram daquele rock marasma aquela coisa docinha para fazer media como o mercado etc. Então o seguinte a influencia das minhas letras principalmente elas tem um tom de revolução eu sempre acho que o mundo e uma revolução constante e a gente tem que batalhar em cada trincheira seja no ROCK ROOL seja MPB no PUNK seja numa trincheira de guerra de fato numa trincheira guerrilheira que isso já passou pela minha cabeça nos anos sessenta, (60) setenta (70) por ai então agente faz a revolução da gente e é uma maneira que eu achei de compor e a maneira que eu achei de compor foi exatamente de passar um pouco do que eu penso para os meus questionamentos e se unir através de meus compromissos.

**A relação da banda com o com o publico como era, se percebe que você quis passar uma mensagem ideia?**

Sim e dentro das limitações do próprio território que a gente habita o sertão Paraibano fazer ROCK aqui já e uma heresia digamos assim inclusive foi uma coisa que teve varias discussões internas dentro da banda que era a questão de faze a musica autoral ou fazer o sucesso com a musica alheia e eu sempre defendi a coisa de fazer a musica usar a musica como nossa expressão porque cantar cover essas coisas que virou um modismo danado inclusive foi muito polemico na estrada da banda da gente la em João Pessoa ne eu briguei muito por isso e acho que colhia muitos frutos no auge da banda por exemplo nos cantava aqui nas ruas e o pessoal acompanhava cantando as

letras havia identificação claro que não havia idéia inicial da banda e nem foi realidade por exemplo o mercado fonográfico etc. a gente queria era se expressar registrar um trabalho e isso foi bem aceito pelo pessoal daqui.

**E pelo fato de vocês serem a primeira banda do sertão da Paraíba, as dificuldades que vocês enfrentavam para poder a banda manter tocar a exemplo de João Pessoa nas cidades vizinhas quais as dificuldades enfrentadas?**

Sim principalmente porque o grupo dos rockeiros que uma ótima qualidade de som, por exemplo, e a banda da gente não tinha os equipamentos ideal para isso então a turma que vai para o show de Rock quer que toque com a qualidade do Iron Maiden por exemplo um equipamento de Metalica nesse caso sim uma das dificuldades é essa outra é a questão de receptividade também a gente tem que montar um trabalho todo de conscientizar o pessoal a gostar de Rock a ver que Rock não e só uma doideira coisa de maconheiro ou coisa parecida a gente tínhamos que brigar por todos esses preconceitos e depois quando o pessoal começou a entender que a gente tinha um ideal uma finalidade ai começaram aderir a nossa proposta daí exatamente a questão da gente ter saído daqui para tocar em Juazeiro fazer turnê em João Pessoa Por exemplo aparecia em jornais em televisões, na capital isso ai foi um trabalho muito arдил mais eu não me queixo tanto porque as bandas de hoje enfrentam muitos tipos de problemas o mercado fonográfico e muito seletivo e aquela coisa sucesso de imediato e não esta muito preocupado com o conteúdo cultural.

**Na sua opinião o que você tem a dizer sobre o Rock de Cajazeiras?**

Bem eu continuo achando que o Rock de Cajazeiras uma cidade essencialmente Roqueira eu fui objeto de homenagem um dia desse aqui e eu saldei a turma nova claro são gerações diferentes são pensamentos diferentes mais ainda por cima eu sinto eu vejo que existe é um espírito de batalhar dentro de trincheira do Rock são estilo diferenciado que dizer que o nosso estilo e mais avo digamos o Rock tradicional e tem vários estilos hoje então querer classificar o Rock como estilo e nos vamos passar de mais de oitentas tipos mas cada um dentro de sua trincheira e cada um com seu valor uma estrutura que eu respeito muito não estou muito antenado com a coisa nova que rola dentro da cidade mais sempre escuto e gosto da turma nova.



E tem alguma musica do repertorio de vocês que especifica que faz critica a sociedade, quanto a critica social da musica ou são todas a exemplo do filho do caos.?

Sim cada musica tem uma História não tem nem uma musica de nosso roteiro do nosso repertorio que seja uma coisa dissociada de algum questionamento eu acho que existe uma grande mescla de questionamento filosófico existencial espiritual político social econômico etc. Todas elas têm sempre um conteúdo mesclado mais especificamente surge de um fato determinado como você citou filho do caos, por exemplo, que é sobre os meninos de ruas eles tem sempre uma temática mãe e os derivados são outros questionamentos.



Show do Arlequim

Fonte: Renê da cruz, 2016.



Público no NEC, show do Arlequim e Conspiração Apocalipse .



Evento grito rock na praça da prefeitura, 2016.

Fonte: Renê da Cruz, 2016.



Primeira formação do Arlequim

Fonte: acervo da banda, 2006.



Público no show do Nec, na apresentação da banda Alerquim.

Fonte: acervo do Nec 2016





Show do Conspiração apocalipse no NEC.

Fonte: acervo do NEC, 2016.



Apresentação do Arlequim no grito rock.

Fonte: Acervo da banda, 2016.